



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E DIVERSIDADE CULTURAL



EDILANE ABREU DUARTE

**FIGURAS FEMININAS NOS LABIRINTOS DA CIDADE: UMA ANÁLISE DE A
HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR.**

Feira de Santana – BA,
Junho de 2011

EDILANE ABREU DUARTE

**FIGURAS FEMININAS NOS LABIRINTOS DA CIDADE: UMA ANÁLISE DE A
HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural da UEFS, tendo como Orientadora a Professora Doutora Rosana Maria Ribeiro Patrício, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Literatura.

Feira de Santana – BA,
Junho de 2011

Ficha catalográfica: Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Duarte, Edilane Abreu

D87f **Figuras femininas nos labirintos da cidade: uma análise de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector / Edilane Abreu Duarte. – Feira de Santana, BA, 2011.**

87 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Rosana Maria Ribeiro Patrício

Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural)–
Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e
Artes, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural,
2011.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E DIVERSIDADE CULTURAL



Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e
Diversidade Cultural, avaliada por:

Professora Doutora Rosana Maria Ribeiro Patrício / UEFS
(Orientadora)

Professora Doutora Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz / UEFS
(Membro)

Professor Doutor Carlos Magalhães / UNEB
(Membro)

Em 20 de junho de 2011.

Feira de Santana – BA
Junho de 2011

E a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas.

Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida injusta e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz.

Ferreira Gullar

Dedico a todos que acreditaram em mim, e acreditando, compartilharam comigo desse sonho. Também, àqueles que nunca acreditaram como prova de que consegui realizá-lo.

AGRADECIMENTOS

Quando penso em agradecer, primeiro me vem à mente a palavra presença. Então começo agradecendo àquele que esteve sempre presente, me concedeu a inspiração e permitiu a realização desse trabalho: Deus.

Também àqueles que sempre me ampararam nas angústias e me felicitaram nas alegrias: minha família e meus amigos. Deles veio o apoio incondicional que me fez crer, em todos os momentos, que era possível seguir. Prefiro evitar nomes, pois sempre há de faltar algum, mas é impossível não citar ao menos três: Aislan, Andriago e Luiza. Esclareço que a ordem aqui colocada é meramente alfabética.

À figura norteadora de minha paciente e dedicada orientadora. Professora Rosana Patrício, muito desse aprendizado devo a ti. Também ao nosso Coordenador, Professor Aleilton Fonseca, mentor da temática da cidade em minha dissertação.

Por fim, aos demais professores e aos meus colegas, especialmente José Rosa e Thomaz Heverton, que caminharam mais perto de mim nessa jornada.

A todos vocês, pago com um sorriso e uma palavra:

Obrigada!

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	09
2 – MACABÉA, A MIGRANTE NA CIDADE	17
2.1 – Deslumbre e deslocamento	17
2.2 – O encontro com o (des)amor	31
2.3 – O encontro com a morte	41
3 – GLÓRIA, A CARIOCA DA GEMA	45
3.1 – “Um estardalhaço de existir”	45
3.2 – A busca e encontro do amor	54
4 – MADAMA CARLOTA, A CARTOMANTE	59
4.1 – A prostituta	59
4.2 – A história de “amor” e violência	67
4.3 – O jogo de cartas, o jogo da vida	71
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83

RESUMO

Essa dissertação apresenta o exame das representações das figuras femininas do romance *A Hora da estrela*, de Clarice Lispector, nos labirintos da cidade do Rio de Janeiro, trazendo uma abordagem acerca do modo como essas mulheres se deslocam na grande metrópole e como a experiência urbana interfere nas ações das personagens. O texto ficcional é analisado considerando-se as suas relações com a sociedade que representa, levando-se em conta as questões que envolvem a presença da mulher na cena social da vida na cidade, questões estas que são problematizadas na ficção lispectoriana. Assim sendo, elementos externos da vida na metrópole são incorporados à cena ficcional de *A Hora da estrela*, narrativa que retrata a experiência urbana em forma de um binômio de dupla implicação: a cidade é ao mesmo tempo polo de atração e de repúdio, paradoxalmente uma utopia e um inferno. Nesta obra a autora realiza uma denúncia social acerca da condição da migrante nordestina Macabéa na grande metrópole, trazendo à tona o retrato de uma sociedade cruel e indiferente. Apresenta-nos, também, outras figuras femininas como Glória e Madama Carlota, mulheres que percorrem os labirintos da cidade e neles vão tecendo os acontecimentos de suas vidas. Tal narrativa se compõe, portanto, de imagens da ruína das relações humanas perante o monstruoso progresso da tecnologia e dos ideais da produtividade do sistema capitalista, nos mostrando que o processo de modernização gerou megalópoles problemáticas, em crise, atravessadas pela violência, pela desestabilização de valores, pela lógica da exclusão e pela perda de laços comunitários.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Literatura; Mulher; Relações humanas;

ABSTRACT

This thesis presents an examination of representations of female figures in the novel *The Hour of the Star* by Clarice Lispector, in the labyrinths of the city of Rio de Janeiro, bringing an approach on how these women moving in the great metropolis and how the urban experience interferes the actions of the characters. The fictional text is analyzed considering its relations with the society it represents, taking into account the issues surrounding women's presence in the social scene of city life, these issues are issues in the fiction lispectoriana. Thus, the external elements of life in the metropolis are incorporated into the fictional scene of *The Hour of the star*, the narrative that depicts the urban experience in the form of a binomial double implication: the city is simultaneously a pole of attraction and rejection, a paradoxically utopia and hell. In this book the author makes a complaint about the social status of migrant in northeastern Macabéa metropolis, revealing portrait of a cruel and indifferent society. Presents us, too, other figures such as Gloria and Madama Carlota, women going through the mazes of the city and they weave the events of their lives. This narrative is composed, therefore, images of the destruction of human relationships to the monstrous progress in technology and productivity of the ideals of the capitalist system, showing us that the process of modernization has generated megalopolis problematic in crisis, crossed by violence, destabilization of values, by the logic of exclusion and loss of community ties.

KEY WORDS: City. Human Relations. Literature. Women.

1 INTRODUÇÃO

Ao tratar sobre a representação da cidade na literatura deve-se saber, a princípio, que essa é uma atividade cujas possibilidades de análise não se esgotam. As infintas alternativas de olhar a cidade traduzida pelos autores/poetas suscitam um recorte temático que ora se faz ao analisarmos a cidade como um labirinto onde se deslocam as figuras femininas em *A Hora da estrela*, de Clarice Lispector. Entenda-se que o sentido de labirinto ao qual aludimos aqui é aquele dado por Renato Cordeiro Gomes, ao se referir a tal representação como um símbolo metafórico das relações humanas no emaranhado das cidades. O autor assevera:

O texto é o relato sensível das formas de ver a cidade; não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas. *Esta cidade torna-se um labirinto de ruas feitas de textos*, essa rede de significados móveis, que dificulta a sua legibilidade. (GOMES, 1994, p. 24) [grifos meus]

A *urbe* escrita e descrita na obra em análise nos mostra o olhar de Lispector sobre a cidade do Rio de Janeiro. A autora delinea tal metrópole enquanto espaço físico e mito cultural, símbolo da modernidade, cenário de eterna mudança e de constante busca, ícone complexo que exprime, ao mesmo tempo, uma tensão entre os labirintos e emaranhados dos espaços geográficos e o enleado de existências e relações humanas, tecidas numa rede dentro da qual se pode traçar múltiplos percursos e extrair conclusões plurais.

Essa relação entre literatura e cidade tornou-se mais evidente na modernidade, momento em que o urbano foi transformado pela Revolução Industrial e se apresenta como um fenômeno novo, com um dimensionamento para a produção de bens de consumo e o acúmulo de capital. Deste modo, sob o signo do progresso, alteram-se não só o perfil do espaço urbano, mas também as relações com o humano e o conjunto de experiências de seus habitantes. A cidade da multidão apressada passa a ser não só cenário, mas sim,

personagem de muitas narrativas e de muitos poemas. Dentro dessa perspectiva, a literatura encontra na cidade um ambiente fértil para seus temas, nestes retrata uma multidão cada vez mais numerosa, carros em alta velocidade e em uma metrópole em eterna reconstrução, sintetizada com a palavra modernidade. Assim sendo, conforme diz Sandra Pesavento (2002, p. 9), “[...] a cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas, como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento.” Neste sentido, indagar sobre as representações da cidade na cena escrita construída pela literatura significa considerar a cidade como um discurso. É preciso, então, ler textos que leem a cidade, considerando não só os aspectos físicos e geográficos, mas também, os dados culturais mais específicos, os costumes, os tipos humanos e toda a simbologia em que se cruzam o imaginário, a história e a memória da cidade. É, enfim, olhar a metrópole através do olhar dos autores e poetas. Sandra Pesavento endossa tais assertivas ao dizer que:

[...] sobre tal cidade, ou em tal cidade, se exercita o olhar literário, que sonha, reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto. O escritor, como expectador privilegiado do social, exerce a sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores. (PESAVENTO, 2002, p. 10)

Por meio dessa leitura da cidade, reconhecemos que a literatura tem sido um importante veículo de representação das mais variadas sociedades ao longo dos tempos, seu caráter verossímil permite aos autores o registro da realidade de um dado momento, bem como, pode, também, antecipar tendências e preconizar mudanças. É sabido, pois, que a sociedade sempre serviu de inspiração para escritores e poetas, deste modo, não podemos analisar uma obra literária sem levarmos em conta o tempo e o espaço em que ela foi concebida. O meio, portanto, em que o escritor, artista da palavra, se encontra será sempre algo que influenciará suas ideias e, conseqüentemente, sua obra. Por outro lado, o leitor também é influenciado pelo que lê, a literatura, assim como os meios de comunicação, serve, também, como formadora de opinião. Essa advém do pacto ficcional firmado entre leitor e escritor, principalmente a respeito do caráter verossímil ao qual nos referimos acima. O leitor sabe que a literatura não é a verdade, tampouco a não-verdade, é o espaço no qual a verdade é posta em jogo. O enunciado fictício é

recebido exatamente pelo que é: nem verdade nem mentira. Escritor e leitor pactuam, portanto, da suspensão de certas regras e entram numa realidade paralela que existe ali no ato da leitura. Para isso, Clarice Lispector cria outro personagem, tão importante quanto aqueles que protagonizam a trama: Rodrigo S.M., o narrador. Nizia Villaça (1996, p. 43) coloca o narrador contemporâneo como sendo “[..] aquele que produz autenticidade na própria construção da linguagem, independentemente do respaldo da vivência e dos efeitos do real.” Aquele responsável por estabelecer esse pacto ficcional entre o real e o narrado, entre o verossímil e o fantasmagórico. Mas, além da criação desse pacto com o leitor, Rodrigo S.M. e Clarice Lispector mantêm uma estreita relação, como se lê na dedicatória do autor: “(na verdade Clarice Lispector)” (LISPECTOR, 2006, p. 7). Numa entrevista concedida à TV Cultura em 1977, Lispector relata como surgiu a inspiração para a escrita de *A Hora da estrela*. Conta que passando pela Feira de São Cristóvão, uma feira de nordestinos no Rio de Janeiro, se deparou com o olhar perdido dos nordestinos na grande metrópole. Episódio explicitado pelo narrador ao esclarecer a fonte primeira de sua inspiração para a escrita: “É que numa rua do Rio de Janeiro, peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (LISPECTOR, 2006, p. 26).

Clarice Lispector, constituindo essa conexão implícita com seu narrador e ciente do pacto ficcional estabelecido com o leitor, expõe sua intenção de trazer à tona a história de figuras femininas que, nos labirintos da cidade, enfrentam as dificuldades e desafios nas rotinas de suas vidas. Esclarecendo que fará mais do que inventar uma história sobre a vida de uma de suas personagens, assevera:

O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. É dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. Porque há o direito ao grito. Então eu grito. Grito puro e sem pedir esmola. (LISPECTOR, 2006, p. 27)

Contudo, *A Hora da estrela* não se configura apenas como a narrativa das desventuras de Macabéa na grande *urbe*. A nordestina figura como personagem principal, mas ao lado dela mais duas mulheres fazem da trama uma singular representação de diversos

tipos sociais femininos, configurados pelas vivências na cidade. Além da nordestina, a carioca Glória e a ex-prostituta e agora cartomante madama Carlota têm seus perfis delineados na trama e aparecem como figuras emblemáticas que configuram, junto com Macabéa, a base para as análises realizadas nesse trabalho.

Na primeira seção do trabalho nos debruçamos sobre a análise de Macabéa, personagem principal, uma migrante nordestina que vive solitária em meio à multidão da cidade do Rio de Janeiro. Por meio da representação da saga dessa moça, a autora traz para o centro da discussão um ser excluído, denunciando preconceitos que estão por trás dos estereótipos construídos em torno da figura do nordestino. Além disso, a segregação social, o desenraizamento e a opressão delineados no romance, se apresentam ainda mais acentuados por serem encarados por uma mulher, semianalfabeta, órfã de pai e mãe, desprovida de quaisquer artifícios de beleza e sensualidade, com uma identidade fragmentada que não se reconhecia enquanto gente, como alguém capaz de tomar o governo da própria existência, como diz o narrador “[...] era à mercê e crente como uma idiota” (LISPECTOR, 2006, p. 46). Macabéa demonstrava claramente a inconsistência no reconhecimento de si mesma, indicando a crise identitária na qual se encontrava: "Não sei bem o que sou, me acho um pouco [...] Quer dizer não sei bem quem eu sou" (LISPECTOR, 2006, p. 56).

Migrantes como ela passam por dois processos de exclusão, o primeiro acontece em sua terra natal, que não lhes dá perspectiva de uma vida digna em razão, sobretudo, da situação de miséria e exploração à qual são submetidos. Fogem, então, dessa primeira situação de exclusão; vivendo uma espécie de exílio dentro de sua própria pátria, seguem para o sul/sudeste, como tantos outros que foram antes e tantos outros que virão depois. Na nova terra adotada, tampouco, conseguem achar um “lugar ao sol”, novamente se vêm marginalizados e excluídos por um sistema que os inscreve como subalternos na hierarquia social do país. É o que ocorre com Macabéa e lhe dá a sensação de inferioridade e subalternidade em relação aos outros, agindo sempre com uma passividade que a induz a interpretar todas as situações contra si própria, desculpando-se, inclusive, quando é ofendida pelos outros.

Glória, por sua vez, será apresentada na segunda parte do texto. Criativa, sensual e bem sucedida, possui as características de uma mulher moderna e “bem resolvida”. Nascida no Rio de Janeiro, é “carioca da gema” e foi capaz de roubar o namorado de sua colega de trabalho, a nordestina Macabéa. Olímpico de Jesus é migrante nordestino e interessa-se por Glória por enxergar nela uma forma de ascensão social, pois, “[...] o fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país” (LISPECTOR, 2006, p. 77), *status* que Macabéa, também sendo nordestina, não poderia oferecer-lhe. Além disso, o pai de Glória era dono de açougue, uma das ambições do metalúrgico. Glória assume, portanto, o papel do “bom partido”, da mulher desejada, possuidora dos artifícios da sedução e de características que vão além do aspecto físico e configuram tal vínculo como uma relação baseada, sobretudo, no interesse financeiro e na nova posição social que essa união propiciaria ao nordestino.

Já madama Carlota é uma personagem que se apresenta de modo peculiar na trama lispectoriana e comporá a última seção do presente texto. Ex-prostituta, ex-caftina e agora cartomante, é responsável por “prever” o destino das personagens Glória e Macabéa. A partir de suas previsões, o destino dessas duas moças é modificado e suas ações, a partir da consulta, são direcionadas para a realização de tais previsões. Madama Carlota previu que Glória iria encontrar um amor, e a carioca absorveu a ideia deduzindo que o homem predestinado seria Olímpico de Jesus, namorado de sua colega de trabalho. Para Macabéa, previu um futuro esplendoroso, com grandes realizações. Disse que ela conheceria um estrangeiro, e mais, que ele se casaria com a nordestina. Revela, ainda, o estado de sofrimento e miséria ao qual Macabéa sempre se submeteu sem se dar conta. Baseada nas previsões da cartomante, a nordestina entra em êxtase, pela primeira vez se reconhece enquanto gente, percebendo as tamanhas dificuldades às quais sempre esteve sujeita. A cartomante assume, então, o papel de portadora das boas notícias. Alguém a quem as demais personagens recorrem com o intuito de ouvirem uma palavra de esperança e de conforto para os seus desalentos. Tal personagem, além de ser a porta-voz dos futuros acontecimentos na vida de Glória e de Macabéa, aproveita a visita das clientes para contar-lhe sobre sua vida e suas aventuras como prostituta e caftina, além de revelar-lhes detalhes sobre seus relacionamentos, tanto profissionais, quanto amorosos.

A história de vida da personagem madama Carlota se configura em decorrência das relações tipicamente urbanas estabelecidas no dia-a-dia de sua vivência na cidade do Rio de Janeiro, ou seja, as experiências narradas pela cartomante estão ligadas diretamente ao cotidiano da cidade. Numa sociedade capitalista em que tudo pode se tornar uma mercadoria, a ex-prostituta e ex-cafina de *A Hora da estrela* expõe sua participação no mercado do consumo do prazer, visto como o submundo da metrópole, que movimentou e movimenta a vida noturna dos grandes centros urbanos. A noite das grandes cidades se entrega aos prazeres e à festa como uma espécie de compensação da vida diurna que privilegia o trabalho e a disciplina industrial. Os explorados durante o dia pelo mercado de trabalho, aqueles que venderam suas horas de serviço por um salário ou pela obtenção cada vez maior de lucro e produtividade, trabalhadores assalariados e donos de grandes indústrias e comércios, respectivamente, passam, então, a explorar aqueles que vendem horas de prazer e diversão. Os que procuram esse tipo de divertimento são vistos como homens que buscam entretenimento e lazer. Em contrapartida, as mulheres que oferecem tal distração são vistas como libertinas, praticantes de comportamentos desviantes que fogem aos padrões normativos. Está presente aí o sistema de estratificação social, uma hierarquização de valores, sobretudo morais. A esse respeito, Gey Espinheira (1984, p. 47) relata que “[...] a prostituição é uma das ocupações econômicas que se situam na parte mais baixa da hierarquia de valores, embora seja uma profissão das mais rendosas entre aquelas que dispensam uma formação sistemática para serem exercidas.” O mercado da prostituição tem gerado uma verdadeira organização socioeconômica nas noites das grandes cidades, desde a época da colonização do Brasil, sobretudo com o crescimento de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse mercado, segundo Margareth Rago,

[...] se configurou uma importante rede de sociabilidade: fluxos que circulavam entre os cafés-concertos, cabarés, “pensões-chics”, teatros e restaurantes, congregando artistas, músicos, coristas, dançarinas, boêmios, gigolôs, prostitutas estrangeiras e brasileiras, seguidas por toda uma corte de empregados, responsáveis pela infraestrutura de serviços: choferes, garçons, arrumadeiras, cozinheiras, manicures, costureiras, porteiros, “meninos de recado”. (RAGO, 1991, p. 167)

Muitos são os que lucram com o trabalho das prostitutas. Existem os serviços indiretos que são gerados a partir da diversão na vida noturna, mas há também aqueles que se valem da fragilidade dessas mulheres para explorá-las financeiramente, são os chamados gigolôs, homens que vivem às custas de meretrizes ou de amantes. Essa figura também é retratada por Clarice Lispector em *A Hora da estrela*, e aparece na trama como um dos homens que figuram um dos conflitos amorosos vividos por uma de suas personagens femininas, madama Carlota. Contudo, tal personagem não aparece apenas como explorada pelo universo da prostituição ou pelo gigolô com quem se relaciona, ao deixar de lado a vida de meretriz, passa a ganhar dinheiro através da exploração de outras garotas de programa, tornando-se caftina. Atividade esta prevista no Código Penal Brasileiro (1940) como criminosa por explorar sexualmente outras pessoas.

O presente trabalho leva em conta, também, que a história das três personagens femininas aparece entrelaçada por relações amorosas conflitantes, permeadas por situações que não condizem com o ideal romântico do “par perfeito”. Macabéa vê em Olímpico de Jesus um alento para suas dores, alguém que povoaria sua solidão interior. Entretanto, é trocada por Glória, sua colega de trabalho. Contudo, a aproximação de Olímpico e Glória se dá mediada pelo interesse do nordestino em ascender socialmente, tirando proveito do fato da moça ser carioca e sua família ter posses, como por exemplo, um açougue. Já Madama Carlota se relacionava com muitos homens em troca de dinheiro e dizia que com esses era apenas trabalho, enquanto era explorada financeiramente e espancada por um homem a quem dizia amar.

A Hora da estrela foi publicado em 1977, década em que figuravam muitos avanços dos movimentos feministas com vistas à libertação das mulheres do padrão patriarcal que por muito tempo prevaleceu na sociedade. Levando-se em conta a época e o contexto social em que a obra foi escrita/publicada e que os modelos sociais veiculados em cada período histórico acabam por influenciar na produção literária e na criação de personagens, as mulheres criadas por Lispector na obra em questão representam, ainda, uma forte ligação com os preceitos patriarcais em relação ao matrimônio como único meio de encontrar a felicidade. Numa demonstração que, embora houvesse a circulação

de novos valores relacionados ao ideal de liberdade feminino, esses ainda não haviam sido totalmente incorporados pelas mulheres, pois muitas mantinham a procura por aquele que as completariam, “a outra metade” ou “príncipe encantado” propalado pelos contos de fadas. Não podemos dizer, porém, que Clarice Lispector ao retratar a dependência sentimental dessas personagens à figura masculina, concorda ou comunga com tais preceitos. Ao contrário, a autora, já em setembro de 1959, escrevendo como colunista feminina para o jornal *Correio da manhã*¹, na coluna “O anel conjugal”, critica o uso da aliança e, por conseguinte, o casamento e a dominação da mulher pelo marido:

A aliança, símbolo que hoje a maior parte das mulheres usa com tanto orgulho, tem sua origem bem humilhante para nós, mulheres. Na Antiguidade, os maridos escravizavam as suas mulheres prendendo-as com algemas ou grilhões. Daí originou esse delicado e romântico anel de ouro, que hoje nos dá tanto prazer de usar. (LISPECTOR, 2008, p. 136)

A autora mais uma vez, traz ao cenário literário de *A Hora da estrela* uma temática social que suscita a reflexão e discussão acerca do papel da mulher diante da submissão e dependência à figura masculina, sobretudo no que se refere aos relacionamentos amorosos, pois, ao tempo em que tais mulheres ansiavam pela liberdade, paradoxalmente, talvez de modo introjetado e inconsciente, demonstram a necessidade de um homem que direcionasse sua própria vida, como veremos adiante por meio da análise dos caminhos e descaminhos amorosos trilhados pelas personagens Macabéa, Glória e madama Carlota.

Nessa perspectiva, analisam-se, em *A Hora da estrela*, mulheres que têm suas vidas atreladas à movimentação da cidade. Os labirintos nos quais tais mulheres se encontram aprisionadas, constituem e definem os passos a serem dados, os caminhos a serem percorridos, as decisões a serem tomadas. Personagens que sonham com melhores condições de vida, que buscam, dia após dia, a realização de seus desejos.

¹ Clarice Lispector, entre os anos de 1950 e 1960, escrevia colunas femininas no jornal *Comício* sob o pseudônimo de Tereza Quadros; já no *Correio da Manhã* como Helen Palmer e no *Diário da Noite* como Ilka Soares.

Trabalhadoras que, cansadas da rotina estafante de seus afazeres, buscam uma fuga nos passeios aos domingos para olhar as vitrines (como é o caso de Macabéa) ou buscam no amor a válvula de escape para mascararem suas dores. À luz das teorias literárias associadas às teorias das ciências sociais, tratamos do cotidiano e das vivências dessas mulheres, personagens ficcionais que dizem muito de mulheres reais, que vivem à mercê dos códigos institucionalizados socialmente e têm suas vidas vinculadas ao fazer-se e refazer-se ininterrupto da cidade, refletindo e reproduzindo-se através dos movimentos citadinos que também movimentam suas vidas e suas concepções como seres humanos passíveis às metamorfoses e ao caos da vida na metrópole.

2 MACABÉA, A MIGRANTE NA CIDADE

2.1 DESLUMBRE E DESLOCAMENTO

Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa: eu somente queria era – ficar sendo!

(Guimarães Rosa)

A migração dos nordestinos para outras regiões do país não é uma história recente. Antes da primeira metade do século XIX, o êxodo rural já transferia mão-de-obra, principalmente da região Nordeste, onde o desenvolvimento desigual, em relação às outras regiões do país, combinado com os longos períodos de estiagem, a tornavam local de “expulsão” de seu povo. Com o auge da industrialização, entre as décadas de 1960 e 1980, a migração nordestina, em especial aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, foi muito intensa. As capitais desses estados tornaram-se "terras de oportunidades" e atraíram milhares de migrantes que, impulsionados pelo desejo de uma vida melhor, abandonaram seus lugares na tentativa da realização de seus desejos, sobretudo no que se refere às conquistas financeiras.

Era preciso fugir das intempéries do clima seco. Para isso, o nordestino tinha que deixar para trás sua casa, sua família, sua raiz e migrar, então, rumo ao desconhecido. Como disse Alfredo Bosi (1988, p. 12), era necessário ir “[...] para alguma cidade do Sul, onde, faça chuva ou faça sol, precisa-se de mão-de-obra barata.” Sob o estigma da seca, os migrantes iam se deslocando pelo sol escaldante, fugindo das áreas em que não havia mais trabalho, nem possibilidade de produzir. Muitos se baseavam no exemplo de outros que migravam e obtiveram sucesso. Segundo Itamar de Souza (1980), formou-se, assim, uma categoria de migrantes a quem o autor chama de “seguidores”. Para o mesmo autor, “[...] o sucesso dos que já foram tem uma força de persuasão superior ao fracasso dos que regressam derrotados. [...] A migração deixa de ser uma maldição, uma viagem para o desconhecido, para ser uma caminhada para o progresso.” (SOUZA, 1980, p. 37) Mas, para muitos, esse progresso não passou de ilusão. Mão-de-obra desqualificada, ao nordestino sobrava apenas a exploração do trabalho braçal e mal remunerado. Essa situação se deu, principalmente, após a revolução industrial, pois, com ela o homem do campo, o trabalhador servil, enxergou na cidade várias outras possibilidades de trabalho e isso significava concretamente uma espécie de libertação. Nessa busca por melhores condições de vida, no dizer de Raquel Rolnik (1995, p. 12), “[...] a cidade aparece como um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens.” Contudo, ao perder o acesso à terra, às plantações, o homem perde também a subsistência, caracterizando-se numa dupla condição: livre e despossuído. Para muitos, a cidade trouxe a liberdade e também a pobreza. O trabalhador precisa agora correr contra o tempo, abrir mão de toda e qualquer atividade que não seja o trabalho. O ritmo frenético da produção isolou o homem e os avanços tecnológicos lhe trouxeram o conforto e, também, o isolamento. Como disse Walter Benjamin (1994, p.124), “[...] o conforto isola. Por outro lado, ele aproxima da mecanização os seus beneficiários.”

Na literatura, não raro, temos nos deparado com diversos personagens migrantes nordestinos que vão tentar a sorte na cidade grande. Muitas obras tratam da viagem, do percurso migratório, diferentemente do que encontramos em *A Hora da estrela*, de Clarice Lispector. Nesta obra há, com grande expressividade, a opressão e o deslocamento² do nordestino na cidade grande, retratados através da saga da migrante

² Usamos aqui o termo *deslocamento* para nos referirmos ao sujeito deslocado, que não se sente no lugar, na situação ou no contexto apropriado, posto à margem.

Macabéa no Rio de Janeiro. Alagoana de dezenove anos, semianalfabeta, órfã de pai, mãe e da tia que a criou, impulsionada pelo desejo de ser estrela de cinema, vai para o Rio de Janeiro; contudo, só consegue um emprego como datilógrafa. Ela vai morar numa pensão, onde divide o quarto com mais quatro moças. Tem uma vida sem muitas emoções, não estabelece vínculos de amizade ou afetividade com as pessoas, pois todos são indiferentes a ela. Conhece Olímpico de Jesus, também migrante nordestino, e os dois começam a namorar. Porém a relação não se sustenta e Olímpico acaba trocando Macabéa, a quem chama de “cabelo na sopa”, por Glória, colega de trabalho da ex-namorada, que, por recomendação de sua cartomante, rouba o namorado de Macabéa. Glória, então, recomenda-lhe sua cartomante à colega para que a alagoana se sinta melhor. Macabéa decide ir à consulta com a vidente. A cartomante diz que a vida da garota irá mudar repentinamente: seu ex-namorado irá pedir para reatar o namoro, ela ganhará uma grande fortuna e se casará com um estrangeiro, rico e bonito. Macabéa fica entusiasmada, mas, quando sai à rua, morre atropelada por uma Mercedes.

Essa é a trajetória de Macabéa, o estereótipo de migrante nordestina que traz estampado em sua face o sentimento de não-pertença, a típica imagem de um ser fora de seu *habitat*, longe daqueles que, sendo do mesmo lugar, teriam atitudes comuns, legitimariam suas ações e seus gestos. Macabéa se sente deslocada e transparece isso através de sua expressão facial, conforme nos diz seu narrador: “É que numa rua do Rio de Janeiro, peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (LISPECTOR, 2006, p. 11). Deslocada principalmente em meio à complexidade das relações sociais, sobretudo no que diz respeito ao contato humano, pois milhares de pessoas se cruzam, mas não é possível parar para se conhecerem, se olham, mas não se veem e nada sabem uns dos outros, restando-lhes apenas um olhar apressado e distraído. Macabéa é apenas uma migrante nordestina que vive solitária em meio à multidão. A solidão de Macabéa nos remete ao que foi preconizado por Charles Baudelaire “principalmente com sua descoberta de que as multidões significam solidão” (HYDE, 1998, p.275).

Clarice Lispector, ao delinear as personagens da trama de *A Hora da estrela*, denuncia a segregação social, o desenraizamento e a opressão sofrida pelo migrante na metrópole.

Macabéa precisa, então, sem professor, sem mestre, descobrir no encontro com as forças da exclusão, um jeito de sobreviver e de se incluir no “sistema” que rege as grandes metrópoles: o capitalismo. Entretanto, ela não se inclui, não se adequa. Era como um “[...] capim na grande Cidade do Rio de Janeiro. À toa. Quem sabe se Macabéa já teria alguma vez sentido que também ela já era à-toa na cidade incoquistável. O Destino havia escolhido para ela um beco no escuro e uma sarjeta” (LISPECTOR, 2006, p. 100). A comparação da personagem nordestina com o capim nos remete à ideia de erva daninha, aquela que não é bem-vinda, uma invasora que aparece em local e momento indesejados. Macabéa, portanto, encontra-se num lugar indesejado, sua inércia não atende aos preceitos de uma sociedade capitalista em que as pessoas têm suas vidas totalmente atreladas ao movimento frenético da produção e da constante busca de conquistas financeiras.

Mas ela não era a única. Representa tantos outros milhares de migrantes nordestinos. “Há milhares como ela?” questiona-se o narrador, e logo conclui: “Sim, e que são apenas um caso” (LISPECTOR, 2006, p. 53). Lispector a escolhe como sua protagonista para falar dos nordestinos que mudaram de espaço, desenraizaram-se, perderam o respaldo de seu grupo, e agora, pois, vivem estigmatizados – e por isso muitas vezes à margem – nas grandes metrópoles. Deslocados e segregados, com dificuldades financeiras, muitos nordestinos como Macabéa se aglomeraram em casas improvisadas – barracos – por este motivo, segundo Itamar de Souza (1980), o surgimento das favelas está diretamente relacionado à migração. Fato que ainda mais os deslocavam, pois o migrante muitas vezes era hostilizado e malquisto. Ainda segundo Itamar de Souza:

Os problemas sociais criados pelos migrantes de classe média baixa e da classe operária nas grandes cidades do país deram a uma contra-ideologia. Essa contra-ideologia é própria de alguns setores da classe média alta e da burguesia urbana, e compreende dois momentos: primeiramente, procuram mostrar que as grandes cidades estão ‘inchando’, como se a migração para os grandes centros urbanos fosse uma doença social, ou ainda que estes centros urbanos estão se ‘ruralizando’, sendo ‘invadidos’, sendo ‘enfeados’ pela presença de pessoas indesejáveis; num segundo momento, procuram convencer os poderes públicos de que a solução de todos os problemas sociais das grandes cidades se resume na volta desta população migrante às suas

comunidades de origem ou o seu deslocamento para as fronteiras agrícolas do Centro-Oeste e do Norte do país. (SOUZA, 1980, p.37)

Além de Macabéa, Lispector também põe à mostra, na mesma obra, as aventuras e peripécias de outro migrante nordestino, Olímpico de Jesus, paraibano, que, ao conhecer Macabéa, apresenta-se como Olímpico de Jesus Moreira Chaves: “[...] mentiu ele porque tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que não têm pai” (LISPECTOR, p. 60). O sobrenome cumpre a função de indicar que a pessoa pertence a uma família, pertence a um determinado povo, por isso o nome da pessoa é sempre seguido do sobrenome da mãe e do pai. Olímpico não trazia essa identificação, pois era apenas “de Jesus”, não havia para ele nenhuma referência de família, sendo filho de mãe solteira, foi registrado apenas como “filho do divino”. Por sentir falta desse referencial familiar, ou ainda porque o sobrenome “Moreira Chaves” lhe parecia um sobrenome de família importante, utilizou-o, acreditando que assim também se tornaria, para Macabéa, “alguém de nome”.

Olímpico e Macabéa se encontraram num dia de chuva, “[...] se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam” (LISPECTOR, p. 59), através de um código comum, os dois se atraíram, talvez, a partir do sentimento de desenraizamento de ambos, que se configura como o desencontro do ser naquilo que lhe é dado tradicionalmente como substancial para pertencer a um grupo social. Eram dois seres estranhos àquele lugar, mas que tinham origens correlatas; similarmente viviam os dramas nessa nova territorialidade, nessa nova cultura urbana que exerce sobre eles, ao mesmo tempo, o estranho movimento de atração e repulsão. Restava-lhes apenas falar das lembranças comuns à vida no sertão nordestino, as desventuras da infância pobre pareciam acalentadas diante dos tamanhos infortúnios da vida na grande metrópole:

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne-de-sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acre-doce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos [...] (LISPECTOR, 2006, p. 64)

Olímpico era um operário que sonhava em ser deputado e rico, mas lhe sobrava apenas a dura tarefa de “[...] pegar barras de metal que vinham deslizando de cima da máquina para colocá-las embaixo, sobre uma placa deslizante. Nunca se perguntava porque colocava a barra embaixo” (LISPECTOR, 2006, p. 62). Essa passagem nos remete à mecanização do trabalho trazida pela revolução industrial, que torna a produção totalmente mecânica, em que os trabalhadores nem se dão conta da automação de seus gestos, de seus movimentos, são meros repetidores. A esse respeito, Márcio Dias ressalta que,

[...] o advento das linhas de produção ao distanciar o indivíduo do resultado de sua atividade profissional, acabou por converter o próprio trabalhador numa utilidade sem nome e sem rosto. [...] Assim o próprio homem passou a sofrer o processo de reificação, tornando-se apenas mais uma engrenagem na cadeia produtiva, como qualquer máquina ou dispositivo mecânico, passível de substituição. (DIAS, 2006, p. 30)

Os trabalhadores não compreendem o porquê e para quê desenvolvem as atividades que, repetidas vezes, praticam ao longo do dia de trabalho, fazendo parte apenas de uma gigantesca engrenagem de produção em massa. Ecléa Bosi (2003, p. 182) associa isso ao desenraizamento, pois, segundo a autora, “[...] o desenraizamento por excelência é a ignorância do trabalhador em relação ao destino das coisas que fabrica. Qual é o seu valor e utilidades sociais? A que necessidades humanas ele atende? O que os outros homens devem agradecer-lhe?” Não há nenhum vínculo ou nenhuma relação do operário com o produto final, na maioria dos casos, o trabalhador desconhece o que vai resultar de seu trabalho. O migrante depara-se, agora, com a produção industrial em alta escala. Diante da automação dessa produção confinada e repetitiva, falta-lhe a ligação com o mundo concreto, associado ao uso no dia-a-dia, fora das paredes da fábrica. Ainda no dizer de Ecléa Bosi (1992, p. 183) “A sirene apitou; é o fim da jornada; a vida começou.” Com essa ideia vemos que os operários passam a maior parte de sua vida cumprindo seus expedientes nas fábricas e alheios ao mundo que os cerca, como se não existisse vida antes do apito da sirene.

A exclusão social sofrida pelo migrante assume, muitas vezes, as feições da pobreza – Macabéa vivia em um estado de extrema miséria: “Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir” (LISPECTOR, 2006, p. 48). Vez por outra Macabéa ouvia um galo cantar de madrugada, fato que lhe remetia nostalgicamente ao sertão, o galo era uma conexão com seu passado. “O cantar de galo na aurora sanguinolenta dava um sentido fresco à sua vida murcha” (LISPECTOR, 2006, p. 47). O canto da ave, embora lhe acalentasse o coração, não tinha nenhuma utilidade prática que lhe facilitasse a vida na cidade, lhe remetia à sua vivência anterior mas, na megalópole Rio de Janeiro, o galo mais parecia um delírio, pois “[...] era do nunca que vinha o galo. Vinha do infinito até a sua cama, dando-lhe gratidão”. Poderia ser apenas uma alucinação proveniente de suas lembranças. Pois, Milton Santos (2006, p. 223), ao falar da migração para a cidade grande, revela que os migrantes “[...] trazem consigo todo um cabedal de lembranças e experiências criado em função de outro meio, e que de pouco lhes serve para a luta cotidiana. Precisam criar uma terceira via de entendimento da cidade.” Ecléa Bosi (2003), discorrendo acerca do desenraizamento dos nordestinos migrantes nas grandes metrópoles, explicita a seguinte assertiva a respeito daquilo que o migrante deixa para trás, para, então, se deparar com uma nova realidade:

O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a Deus... Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade a sua fala é chamada ‘código restrito’ pelos lingüístas, seu jeito de viver, ‘carência cultural,’ sua religião, credence ou folclore. Seria justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. (BOSI, 2003, p. 176)

Macabéa precisa, então, incorporar uma nova cultura, uma nova maneira de viver, desvencilhar-se das raízes sertanejas, recriar e reconstruir sua identidade, transformar-se; dotar-se de mecanismos para que possa, de fato, interagir com aquela nova realidade que agora lhe cerca. É preciso, então, fazer uma espécie de “negociação” da própria identidade, pois, como diz Boaventura Santos (1999, p. 135), “[...] sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados

sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. [...] Identidades são, pois, identificações em curso.”

No lugar novo, o passado não está; é preciso então encarar a nova realidade que se apresenta diante dos olhos perdidos e assustados do sertanejo: primeiro vem a perplexidade, em seguida, necessidade de orientação. Porém, a trajetória de Macabéa não interage com a modernidade. A sertaneja vivencia, então, dilemas experimentados pelo homem que vive nessa era das grandes revoluções: sociocultural, industrial e do progresso científico. Berman (1998, p.19) a caracteriza como crescente expansão capaz de tudo exceto solidez e estabilidade, o homem moderno testemunha a efemeridade das coisas, a transitoriedade e velocidade do tempo.

O homem moderno vive um paradoxo: é livre para aventurar-se, quebrar limites, mas vive angustiado, pois não consegue se adaptar totalmente às complexidades que a modernidade apresenta nem as permanentes transformações e a velocidade com que as mesmas acontecem:

Experiência de tempo e espaço, das possibilidades e perigo da vida compartilhado por homens e mulheres em todo mundo hoje, designarei esse conjunto de experiência como modernidade. Ser moderno é encontrar-se, em um ambiente que promete aventura poder, alegria, crescimento, autotransformações e transformações das coisas ao redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo que sabemos, temos e somos (BERMAN, 1998, p.15).

Macabéa era “[...]uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela, que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita” (LISPECTOR, 2006, p. 30). O narrador se compraz do sofrimento de Macabéa, numa atitude de condescendência assume que ela deveria ter ficado em Alagoas, onde, com seu vestido de chita, talvez fosse mais feliz. A referência ao vestido de chita mostra a simplicidade das vestes de Macabéa. Esse tipo de vestuário, certamente, não condizia com aquele costumeiramente utilizado pelas mulheres da cidade do Rio de Janeiro. Sabe-se que a vestimenta assume um papel importante na vida das pessoas. Através dela podem ser analisadas as relações sociais institucionalizadas pelo homem, desse modo, atua diretamente no

comportamento humano, sendo fruto dos costumes e da cultura de um determinado povo. A roupa pode indicar uma distinção social e, além disso, ainda que sutilmente, pode refletir a opressão e o domínio de uma classe sobre outra. O uso da roupa, portanto, não está relacionado apenas a uma questão da aparência ou de estilo, vincula-se, também, às relações sociais, podendo ser visto como uma manifestação de poder, distinção e comportamento. Macabéa destoava do ritmo da metrópole até no modo de se vestir, característica externa que denota a adequação ou a posição social ocupada, fato que interfere no modo como as outras pessoas se enxergam ou se tratam. Para Ana Fani Carlos,

As pessoas são tratadas de forma diferenciada em função de sua aparência, das roupas que vestem, do carro que dirigem, lugares onde passam férias, restaurantes que freqüentam, cartões de crédito que usam. [...] A mídia produz um modo de vestir e de sentir dentro de determinada roupa; e até um modo de sentir *out*. O homem passa a ser visto, avaliado e respeitado a partir de uma aparência produzida. São os valores urbanos. É a sociedade urbana que os impõe. (CARLOS, 2008, p. 21)

Mas, para Clarice Lispector, isso não era motivo para não contar a história da moça: “preciso falar dessa nordestina senão sufoco” (LISPECTOR, 2006, p. 17). Era preciso pensar a cidade, em *A Hora da estrela*, para além das aparências, mesmo descompassada e mal vestida, era preciso narrar as aventuras dessa moça, e, de alguma maneira, denunciar a vida precária de tantos brasileiros que se sentem como estrangeiros em sua própria pátria, que servem apenas como instrumento de exploração, Macabéa, então, representaria tantas outras moças:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. (LISPECTOR, 2006, p. 28)

Macabéa não era notada, perambulava pelas ruas e sequer tinha consciência de si e do que lhe cercava: “Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era

um parafuso dispensável” (LISPECTOR, 2006, p. 45). Perdida numa cidade voltada para a produção e a obtenção do lucro, numa sociedade de consumo, a nordestina não acompanhava o ritmo apressado da vida na metrópole, era um “parafuso dispensável”, não fazia parte da engrenagem da produção, portanto, não se enquadrava nos padrões. Há no homem moderno a necessidade de parecer normal e estabelecer a normalidade, isso faz com que ele estabeleça também o que é anormalidade. Este não deixa de ser também um mecanismo de controle e de interferência, um mecanismo de vigilância, e é acima de tudo um mecanismo de poder. Assim, o indivíduo tende a se isolar em suas individualidades. Portanto, os donos do poder estabelecido são aqueles que passam uma imagem da normalidade, qualquer pessoa ou segmento que foge ao padrão é uma potencial ameaça às relações sociais, ficando à margem. Rodrigo S.M. caracteriza esse estado de isolamento e “anormalidade” da moça na seguinte passagem do livro: “A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham.” (LISPECTOR, 2006, p. 30).

A individualização e o isolamento do ser humano na metrópole são o resultado do condicionamento ao tempo, não ao tempo natural, mas ao tempo da produção, um tempo social construído pelo ritmo frenético das máquinas e da produção em larga escala, resultando, assim, no andar apressado, no olhar distante e frio onde figura um único pensamento: chegar depressa a algum lugar. Segundo Ana Fani Carlos,

O ritmo da cidade, o tempo-duração, marca de tal modo a vida das pessoas que estas perdem a identificação com o lugar e com as pessoas. A duração é determinada por um tempo que tem a dimensão de produzir-se social e historicamente, diferente do tempo biológico que é determinado pela natureza. (CARLOS, 2008, p. 18).

Não havia tempo para o sorriso tolo de Macabéa, ela era um ser estranho e marginal àquele mundo, àquele caos que rotineiramente seguia uma linearidade: o trânsito frenético, o barulho das máquinas, as multidões que caminham apressadas, cada indivíduo fechado em seu próprio mundo, vivendo isolado dos demais. Marshall Berman (1998) esclarece que:

Em tempos como esses, 'o indivíduo ousa individualizar-se'. De outro lado, esse ousado indivíduo precisa desesperadamente 'de um conjunto de leis próprias, precisa de habilidades e astúcias, necessárias à autopreservação, à auto-imposição, à auto-afirmação, à autolibertação.' As possibilidades são ao mesmo tempo gloriosas e deploráveis. 'Nossos instintos podem agora voltar atrás em todas as direções; nós próprios somos uma espécie de caos. (BERMAN, 1998, p. 21)

Macabéa, agora, se vê em meio ao caos da grande *urbe*; sem rumo, desprovida de objetivos, ao mesmo tempo, se encontra em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades. Como faria, então, para competir em igualdade de condições? O que fazer diante desse “tudo” que lhe cercava? Restava-lhe apenas o “[...] olhar de quem tem uma asa ferida - olhos que perguntavam. A quem interrogava ela?” (LISPECTOR, 2006, p. 42) Ela agora é um ser exilado em seu próprio país, se vê em dissonância com o mundo onde prevalecem valores marcadamente burgueses, como a obsessão pela acumulação de capital que acaba por gerar uma sociedade individualista e isolada. Essa personagem pertence à classe dos marginalizados, vítima de uma repressão cultural que na sociedade carioca vai ser o estranho, o outro.

A alagoana ouvia cotidianamente a Rádio Relógio, se encantava e se admirava com as informações transmitidas. Informações completamente inúteis para ela, mas que faziam parte do seu dia-a-dia, pois a moça, sempre admirada, repetia o que escutava. “Pois era muito impressionável, e acreditava em tudo o que existia e no que não existia também” (LISPECTOR, 2006, p. 49). Macabéa também era alvo fácil da propaganda “[...] ela adorava anúncios”, completamente vulnerável a tudo e a todos “outra vez ouvira: ‘Arrepende-te em Cristo e Ele te dará felicidade’. Então ela se arrependera. Como não sabia bem de que, arrependia-se toda e de tudo. O pastor também falava que a vingança é coisa infernal. Então ela não se vingava” (LISPECTOR, 2006, p. 53). Era completamente desprovida de personalidade, ficando à mercê de tudo e de todos: “[...] precisava dos outros para crer em si mesma” (LISPECTOR, 2006, p. 55), era tão suscetível à propaganda, o grande mecanismo de incentivo ao consumo, que colecionava anúncios: “costumava ler à luz de velas os anúncios que recortava dos jornais velhos do escritório. É que fazia coleção de anúncios. Colava-os num álbum” (LISPECTOR, 2006, p. 54). Para Clarisse Fukelman (2006, p.14), Macabéa era alguém

que, “[...] de índole passiva, torna-se presa fácil dos mitos e produtos da indústria cultural. Admira as grandes estrelas do cinema e sente-se fascinada pelos anúncios publicitários. As notícias descosidas da Rádio Relógio integram este contexto alienante.” Para Elódia Xavier (2007, p. 62) “[...] a linguagem publicitária é altamente manipuladora, e Macabéa, como corpo dócil, é mais uma vítima do apelo consumista.” Essa alienação, docilidade, espanto ou deslumbre de Macabéa frente às novidades da cidade grande é uma consequência de sua desterritorialização ou desculturização, explicitadas por Milton Santos (2006) ao dizer que:

Vir para a cidade grande é, certamente, deixar atrás uma cultura herdada para se encontrar com uma outra. Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação. (SANTOS, 2006, p. 222)

Sendo assim, a nordestina agora se depara com uma nova realidade, com a eterna novidade da grande cidade, que se renova a cada dia, nesse novo lugar ela está deslocada e ao mesmo tempo deslumbrada. Macabéa, que vivia no subúrbio, num misto de estranhamento e fascínio pelas lojas e os tantos diferentes produtos expostos, “[...] vez por outra ia para a Zona Sul e ficava olhando as vitrines faiscante de jóias e roupas acetinadas” (LISPECTOR, 2006, p.50). A Zona Sul do Rio de Janeiro é uma das regiões mais nobres da cidade onde estão situados bairros como Leblon, Ipanema, Copacabana, Leme, Botafogo, Flamengo, Urca e Glória, bairros da orla da Baía de Guanabara, além de Lagoa, Jardim Botânico e Gávea. Todo o luxo desses bairros e seus comércios fascinavam Macabéa, mas, ao mesmo tempo, representam, na obra, a segregação social imposta pela divisão do espaço urbano. A nordestina vivia no subúrbio carioca, na Rua do Acre, lugar de ratos gordos, era um “pedaço de vida imunda” (LISPECTOR, 2006, p. 46). Essa segregação é fundada nas diferenças relativas às tradições, costumes e estilos de vida de grupos de diferentes origens étnica e geográfica, além, sobretudo, de diferenças socioeconômicas, por conseguinte, diferenças de rendimento. Há uma hierarquização dos espaços nas metrópoles que delimitam os lugares sociais, estabelecendo, por exemplo, ambientes distintos para ricos e para pobres. Assim, temos ricos de um lado, em suas mansões, palacetes e apartamentos luxuosos; e pobres do outro lado, em cortiços, casas simples e favelas. Para Raquel Rolink (1995, p. 40) “É

como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece o seu lugar e se sente estrangeiro nos demais”. Cada lugar serve como referência para seus moradores, as classes se dividem e se reconhecem. Cada um desses lugares serve como referência para seus moradores, as classes se dividem e se reconhecem. Além da segregação imposta pelos bairros, que também serve de referência para a construção da identidade de seus habitantes, há ainda divisões dentro das próprias residências, locais comuns e locais privados, salas de estar, salas de visitas e quartos individuais. O lar, núcleo de convivência familiar, serve de referencial na diferenciação do espaço público e do privado, espaços comuns e espaços íntimos. Macabéa, entretanto, não tem lar, ela divide um quarto de pensão com mais quatro pessoas desconhecidas, assim, mesmo estando “em casa” continua num lugar “público”, onde não há privacidade, sem espaços íntimos, onde ela não pode ser por um instante o que quiser ser, pois está sempre acompanhada como se estivesse sempre vigiada. Sentindo falta desse referencial de um lugar seu, dessa intimidade consigo mesma, mente para o chefe dizendo que iria arrancar um dente e, para ela, arrancar um dente é muito perigoso. Inventa essa mentira somente para ter um dia de privacidade no quarto que divide com as demais colegas. Neste dia é a primeira vez que Macabéa toma consciência de si, se olha no espelho, dança como uma borboleta que voa pelos espaços do quarto, agora só seu:

Ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nenhuma palavra se ouvia. Então dançou num ato de absoluta coragem [...] diante do espelho para nada perder de si mesma. Encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então não conhecia. (LISPECTOR, 2006, p. 57 – 58)

Nesse quarto fechado, sozinha, Macabéa está totalmente protegida da tensa e gigantesca agitação da cidade. Finalmente encontrara um lugar onde “dançava e rodopiava e ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e!” (LISPECTOR, 2006, p. 58) tal liberdade era decorrente da sensação de estar refugiada em seu abrigo, longe dos olhos daqueles que a olhavam, mas não a viam.

Para o narrador, a história da nordestinha Ihe escapava de si mesmo na emergência de existir, ele, o narrador, embora às vezes tenha vontade, não pode mudar os fatos, não poderia inventar outra vida pra nordestina senão aquela, como se a realidade fosse tão forte que impulsionasse o desejo de transpô-la para a ficção e, por mais sofrida que parecesse a história de Macabéa, ela teria que ser contada, teria que retratar os fatos “nus e crus” da vida do migrante como ela é, assim explica o narrador: “[...] e foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa” (LISPECTOR, 2006, p. 31). O caminho percorrido por Macabéa na cidade é descortinado de utopias românticas e de final feliz para a mocinha, que, tal como nos contos de fadas, encontra o príncipe e vive feliz para sempre. O desfecho da trajetória de Macabéa não comporta tamanho fingimento, para uma migrante nordestina, com tamanha feiura e descompasso, que não se integra à vida na *urbe*, não haveria para ela outra perspectiva senão um final trágico. Seu narrador explica: “[...] o fato é que eu tenho nas minhas mãos um destino e no entanto não me sinto com o poder de livremente inventar: sigo uma oculta linha fatal” (LISPECTOR, 2006, p. 35). Macabéa é, então, mais uma migrante entre os grandes contingentes humanos que abandonaram seu chão em direção às metrópoles, atraídos pelo fenômeno urbano da eterna novidade e do progresso. Para Suzi Sperber

Macabéa, feita de contradições reúne em si a pobreza econômica, física, alimentar, e intelectual, de saúde, de costumes, de lazer, sempre segundo os padrões dominantes. Além disto é mulher, meio mestiça na raça e na religião. Ela é minoria. Representa, pois, grupos minorizados. Por isto não têm espaço na sociedade. (SPERBER, 1983, p. 155)

Representa uma multidão de seres, que vindos de todos os cantos do país, sobretudo do Nordeste, passam a habitar as grandes capitais, e se vêem em meio ao individualismo das pessoas que preconizam a produção de bens materiais, sem a criação de laços comunitários. Para o migrante, há uma dissolução das referências socioculturais que orientavam seu cotidiano. Tais características são observadas em *A Hora da estrela*, em que a autora realiza uma denúncia social acerca da condição do migrante na grande metrópole, traz à tona o retrato de uma sociedade cruel e indiferente. Sua narrativa se compõe, portanto, de imagens da ruína das relações humanas perante o monstruoso progresso da tecnologia e dos ideais da produtividade do sistema capitalista.

2.2 O ENCONTRO COM O (DES)AMOR

*Quem inventou o amor?
Me explica por favor.
Enquanto a vida vai e vem
Você procura achar alguém
Que um dia possa lhe dizer:
Quero ficar só com você.*
(Renato Russo)

O amor tem sido tema recorrente na literatura, e, como já prediz o próprio desígnio da maioria das obras – romance – não raro, temos nos deparado com literaturas que tratam do amor como motivo de sua arte, especialmente, histórias de amantes infelizes e tragédias, pois o amor feliz raramente é motivo para poesia ou romances. Conforme assertiva de Denis de Rougemont (1988):

Amor e morte, amor mortal: se isso não é toda poesia, é, ao menos, tudo o que há de popular, tudo o que há de universalmente emotivo em nossas literaturas; em nossas mais antigas lendas e em nossas mais belas canções. O amor feliz não tem história. Só existem romances de amor mortal, ou seja, de amor ameaçado e condenado pela própria vida. [...] É menos o amor realizado que a paixão de amor. E paixão significa sofrimento. Eis o fato fundamental. (ROUGEMONT, 1988, p.17).

Em algumas obras, mesmo que tenham como abordagem principal questões que não dizem respeito diretamente ao amor, suas personagens sempre nos trazem, ainda que em segundo plano, os dramas das relações conjugais. É o que acontece no romance³ *A Hora da estrela*. Tal livro, para Luciano Lima (2007):

É a história arquetípica de uma mulher nordestina pobre, imigrante, que ocupa posições subalternas no Rio de Janeiro. Não possui vida

³ Alguns críticos consideram *A Hora da estrela* como novela e não romance. Discordamos da primeira classificação com base no conceito de que novela é uma sequência de capítulos em que sua ordem pode ser alterada sem prejuízo da linearidade dos acontecimentos, o que não é o caso da obra em questão.

social, apenas vegeta esperando a hora do trabalho do dia seguinte. Não possui nem mesmo a beleza comum de toda mulher jovem, pois tem aparência doentia. Preenche o vazio do seu tempo escutando a Rádio Relógio. Mas mesmo assim é acometida de amor. (LIMA, 2007, p. 74)

Ao analisarmos os caminhos e descaminhos percorridos por Macabéa nos deparamos, então, com uma mulher “acometida de amor”, que nutre a crença de que só é possível alcançar a felicidade a partir da realização amorosa, ou seja, condiciona seu bem-estar e sua alegria ao fato de encontrar o amor. Inicialmente pensa que esse encontro havia acontecido ao conhecer Olímpico de Jesus e, posteriormente, direciona sua esperança de uma vida feliz ao encontro com o estrangeiro Hans, previsto nas cartas de madama Carlota.

Essa visão do amor como algo supremo, virtuoso e belo surge no Ocidente a partir da Grécia Antiga. E essa representação pode ser encontrada no *Banquete* de Platão, obra composta de vários discursos, dentre os quais, muitos versam sobre Eros – a fonte do mito amoroso no Ocidente, o Deus grego do amor. Nessa obra, *O Banquete*, vários convidados debatem sobre os mais variados aspectos do amor. Embora os sete discursos que a compõem não sejam equivalentes entre si, uns mais que outros foram reapropriados na mentalidade romântica posterior e até hoje embasam as crenças estabelecidas pela sociedade acerca do amor. Segundo Aristófanes, um dos participantes do banquete, Eros é o deus mais antigo, podendo curar e proteger o homem da infelicidade. Para ele, nos primórdios, a natureza tinha três sexos: o masculino, o feminino e o andrógino. Por serem eles muito pretensiosos, a ponto de escalarem o céu e investirem contra os deuses, foi preciso Zeus – deus supremo – cortá-los ao meio um a um. As partes separadas, desde então, tentam se encontrar.

Dáí tem-se a busca pela “outra metade”, ou a “alma gêmea”, que se reencontrando novamente se tornariam um. São fragmentos do discurso no *Banquete*: “Mas eu, no entanto estou dizendo a respeito de todos os homens e mulheres, que é assim que a nossa raça se tornaria feliz, se plenamente realizássemos o amor e o ser próprio amado cada um encontrasse, tornando à sua primitiva natureza.” (PLATÃO, 2001, p. 193) Essa

forma de amor, a busca incessante pela “outra metade”, é o que André Comte-Sponville (1999) define como “amor Eros”. Mas esse mesmo autor acrescenta que não há felicidade na completude propiciada pelo “encontro das duas metades”, como sugere Aristófanes em *O Banquete*. Comte-Sponville acredita na teoria da busca pela “alma gêmea”, mas defende a ideia de que o amor nunca é saciado; diz que, na verdade, o amor Eros é a “falta”, é a eterna busca, e sendo assim, a completude lhe é vetada.

Eis que estamos bem longe da completitude redonda de Aristófanes, desse repouso confortável na unidade recobrada! Eros, ao contrário, nunca repousa. A incompletitude é seu destino, pois a falta é sua definição. ‘Dorme ao ar livre, perto das portas e nos caminhos, porque é igual à sua mãe e a indigência é sua eterna companheira’. [...] ‘O amor é como um desejo que, por sua própria natureza, seria privado do que deseja’, e permanece privado mesmo ‘quando alcança seu objetivo’. (COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 182)

Porém, ao contrário do que diz André Comte-Sponville, a ideia de felicidade através da completude propiciada pelo encontro das “duas metades” é reforçada pela religião cristã, que endossa a união entre dois e, ao unirem-se, tornam-se uma só carne, conforme versos do Evangelho segundo Mateus, capítulo 19, versículos de 4 a 6, na Bíblia (1991):

Respondeu-lhe Jesus: Não tendes lido que o Criador os fez desde o princípio homem e mulher, e que ordenou: Por isso deixará o homem pai e mãe, e unir-se-á a sua mulher; e serão os dois uma só carne? Assim já não são mais dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus ajuntou, não o separe o homem. (BÍBLIA, 1991, p. 63-64)

Deste modo, o mito das “almas gêmeas” faz sentido para muitos, pois, de certa forma, responde aos sentimentos orientados pela ordem social no ocidente, como sendo útil, agradável, desejável e correto. E Macabéa na obra em questão assim o considera. A busca pela “outra metade” ou “o amor Eros”, conforme define André Comte-Sponville, ainda que não seja designado com estes termos no romance, pode ser verificado nos anseios da moça nordestina. Macabéa, numa tarde do mês de maio,

No meio da chuva abundante encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam. Ele a olhara enxugando o rosto molhado com as mãos. E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada-com-queijo. (LISPECTOR, 2006, p. 60)

Assim Macabéa conheceu Olímpico de Jesus, operário, também migrante nordestino; “a primeira espécie de namorado de sua vida”, que se torna, tão logo, sua “goiabada-com-queijo”, que até então era “a única paixão na sua vida” (LISPECTOR, 2006, p. 44). Após o terceiro encontro, mesmo sem saber sequer como ele se chamava, “[...] ela já o amava tanto que não sabia mais como se livrar dele, estava em desespero de amor” (LISPECTOR, 2006, p. 61). Olímpico trouxe sentido à sua existência, ela o amava e sentia orgulho de ter um namorado, pois agora se sentia segura, protegida; ela o admirava e “[...] ficava contente com a posição social dele porque também tinha orgulho de ser datilógrafa, embora ganhasse menos que o salário mínimo. Mas ela e Olímpico eram alguém no mundo. ‘Metalúrgico e datilógrafa’ formavam um casal de classe (LISPECTOR, 2006, p. 61). A moça via em Olímpico um acalento para sua vida que era tão difícil, ela precisava dele para fugir da solidão e do isolamento, sentimentos comuns à grande parte dos moradores das grandes metrópoles, pois “[...] para as pessoas outras ela não existia” (LISPECTOR, 2006, p. 81).

O contexto sociocultural da vida na cidade que, ilusoriamente, promete a tão sonhada felicidade, promove, na verdade, a solidão e o individualismo exacerbado, isolando os seres humanos. Multidões que caminham apressadas, no acelerado ritmo da produção capitalista, cada indivíduo fechado em seu próprio mundo, vivendo isolado dos demais. A esse respeito Márcia Guidin (1994, p. 60) esclarece que “[...] a cultura urbana, com seus reflexos é um fardo que arrasta a uma introspecção problemática e agônica.”

Macabéa, nessa circunstância de isolamento, se sentia desamparada e sua submissão à relação conflituosa que mantinha com Olímpico pode ser entendida como uma espécie de busca por socorro, por alguém em quem ela pudesse apoiar-se. Instigada por esse

sentimento de desamparo, se assujeitava, mesmo de forma inconsciente, às grosserias de Olímpico na tentativa de fugir da solidão com a qual convivia. Para Aldo Carotenuto (1997, p. 104) “[...] quanto menos evoluído é o indivíduo no plano da consciência, tanto mais a escolha do parceiro será ditada por motivos inconscientes, os quais decidirão, ‘sem que ele saiba’ o que caracteriza o encontro.” Macabéa não tinha consciência dos reais motivos que a ligavam à Olímpico. Sabia apenas que precisava dele. O namoro era, na verdade, uma súplica por amparo. Zeferino Rocha, no texto *Desamparo e metapsicologia*, traz uma interessante formulação acerca desse apelo do ego humano por um ideal de amparo:

Com o ideal do ego temos um modelo diferente tanto de subjetividade quanto de ideal, pois o ideal do ego é uma instância aberta para a alteridade, que leva o ego a reconhecer suas deficiências e a buscar fora de si um ideal, que funciona como apelo e não como exigência, e que está sempre presente no horizonte das buscas e das procuras do sujeito, animando-lhe a caminhada mesmo quando se sabe que o ideal nunca será atingido plenamente. (ROCHA, 1999, p. 338)

Há, portanto, nos seres humanos a necessidade de se relacionar com outros. Para Anton, (1998), o “outro” é um ponto de referência indispensável para a conservação da percepção lógica e organizada de si mesmo. Um adulto, mesmo sem saber, conserva a própria unidade e lucidez no confronto com as demais pessoas. A solidão, em suas formas mais radicais, leva à confusão entre realidade e fantasia. Macabéa “[...] precisava dos outros para crer em si mesma” (LISPECTOR, 2006, p. 55) e fazia de Olímpico um referencial masculino a quem ela inabalavelmente admirava. Para Macabéa, Olímpico representa o ápice do sucesso humano. Ela acreditava que ao casar-se, por extensão, se tornaria alguém tão importante quanto ele. Pois, “[...] quando Olímpico lhe dissera que terminaria deputado pelo Estado da Paraíba, ela ficou boquiaberta e pensou: quando nos casarmos então serei uma deputada?” (LISPECTOR, 2006, p. 64). Dessa maneira, ao projetar seu destino a partir da afirmativa de Olímpico, Macabéa demonstra conceber que o matrimônio garante à mulher a mesma posição social ou o mesmo cargo ocupado pelo esposo e configura a construção de sua identidade a partir do perfil descrito e ambicionado por seu amado Olímpico.

Entretanto, como foi dito, Olímpico não tratava a nordestina com afeto, era rude, grosso e interesseiro, pois aprendera desde cedo com o padastro como se aproximar das pessoas para se aproveitar delas; para ele, Macabéa era “[...] um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer” (LISPECTOR, 2006, p. 79). A moça não podia ter filhos, ele a considerava, então, biologicamente inferior, “[...] enquanto Olímpico era um diabo premiado e vital e dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen. E como já foi dito ou não foi dito Macabéa tinha ovários murchos como um cogumelo cozido” (LISPECTOR, 2006, p. 77). No entanto, essa condição de “inferioridade biológica” conferida a Macabéa, não está vinculada diretamente à limitação biológica por si só, mas associada principalmente ao condicionamento ideológico. Tal limitação será reconhecida, ou não, segundo os preceitos sociais, conforme elucidações de Simone de Beauvoir:

É portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade. (BEAUVOIR, 1970, p. 57)

Nesses termos, a biologia não basta para fornecer uma resposta à rejeição imposta à Macabéa, mas esse foi um dos motivos que levou Olímpico a repudiá-la. O rapaz a tratava com hostilidade, o que nos faz crer que nessa relação há, implicitamente, uma questão ideológica que, na verdade, acentua a divisão de classes, os dois são migrantes nordestinos, no entanto, Olímpico se vale de sua condição privilegiada, por se julgar superior, para desdenhar da moça.

Sua única bondade com Macabéa foi dizer-lhe que arranjaría para ela emprego na metalúrgica quando fosse despedida. Para ela a promessa fora um escândalo de alegria (explosão) porque na metalúrgica encontraria a sua única conexão atual com o mundo: o próprio Olímpico (LISPECTOR, 2006, p. 76).

Vê-se, que, apesar de nordestino como Macabéa, Olímpico era muito diferente dela, dotado de valentia e coragem “[...] era macho de briga, sabia muito bem o que queria” (LISPECTOR, 2006, p. 74), ao contrário de Macabéa, se preocupava com o futuro, era ambicioso e destemido, “[...] nascera crestado e duro que nem galho seco de árvore ou pedra ao sol. Era mais passível de salvação que Macabéa pois não fora à toa que matara um homem, desafeto seu, nos cafundós do sertão” (LISPECTOR, 2006, p. 76). Essa diferença denuncia os estereótipos criados acerca da condição feminina. Macabéa, por ser mulher, era fraca, ingênua e vulnerável, enquanto Olímpico era forte, astuto e corajoso. Macabéa é escrava de sua própria situação e não sabe sequer como superar as circunstâncias que restringem a sua liberdade. Há aí uma relação das diferenças de gênero como mecanismos formadores e controladores das relações sociais, sobretudo das relações de poder dentro da sociedade, conforme nos esclarece Joan Scott:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as ‘construções sociais’: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1995, p. 06)

Desse modo, gênero refere-se a categorias psicológicas, sociais e culturais que diferem homens e mulheres e tais diferenças não têm como base a biologia ou a mera distinção entre o sexo masculino e feminino, na verdade é uma construção sociocultural que tem colocado a mulher numa posição de inferioridade em relação ao gênero masculino. Na cidade, esse grande sistema de superposição de subsistemas diversos, as relações sociais se organizam em torno das diferenças, e as diferenças entre os gêneros compõem esse arcabouço de censuras e interdições impostas, sobretudo, à mulher, que sempre foi vista como um ser inferior, com inclinação natural para o lar e a educação das crianças, destinada apenas ao casamento e à maternidade. Sua única força é o encanto, porém, para Macabéa, a situação era ainda mais complicada, pois a moça não tinha encanto algum e esse era um dos motivos pelos quais Olímpico a depreciava.

Mesmo maltratada a datilógrafa, ingenuamente, continuava a amá-lo e a sentir-se feliz por ter um namorado. Tinha poucos desejos, mas um deles era o de se casar. No romance encontramos diversas referências ao casamento, uma delas é a presença do mês de maio na narrativa; mês das noivas, crença difundida pela Igreja Católica em razão de maio ser o mês da consagração de Maria, mãe de Cristo. Além da comemoração do dia das mães no segundo domingo de maio, que também contribuiu para a associação com as noivas. “– Ah mês de maio, não me largues nunca mais!” exclamou Macabéa, e seu narrador, Rodrigo S. M. ressalta: “Maio, mês dos véus de noiva flutuando em branco” (LISPECTOR, 2006, p. 58). “E Macabéa só pensava no dia em que ele quisesse ficar noivo. E casar” (LISPECTOR, 2006, p. 78). A vida de Macabéa é regida, então, pela ideia de que o casamento deve responder exclusivamente a aspirações íntimas e afetivas. A vida conjugal transforma-se então no território por excelência para a manifestação do amor. A concepção romântica do casamento na qual Macabéa acreditava e, de certo modo, condicionava sua vida, nos remete à sacralização do matrimônio. Antes da queda do Império Romano o casamento era um acordo entre famílias, um tipo de negócio ligado às trocas financeiras ou à procriação visando o seguimento da linhagem familiar; era um ato que acontecia na esfera doméstica e o clero praticamente não intervinha. Mas, com o passar dos anos, segundo Ronaldo Vainfas (1986, p. 29), “[...] com a degradação do império carolíngio, a Igreja passaria a ser mais atuante e tentaria submeter reis e cavaleiros a seu poder, inclusive na esfera matrimonial.” O casamento passou a ter a chancela do cristianismo e se tornou uma instituição divina. Os teólogos da época introduziram no casamento os valores da hierarquia masculina, em que o homem deveria comandar a mulher em todas as situações e o ato sexual visava meramente a procriação. Ainda conforme Vainfas, tais teólogos

Ao lado dos valores ascéticos, introduziram os da caridade, fazendo do matrimônio um estado de comunhão. A própria cópula foi sacramentalizada como signo de união corpórea entre Cristo e a Igreja, tornando-se, por isso, um signo do amor a Deus. E, no coroamento dessa relação santificada, despontava a idéia de *concórdia*: o amor no casamento deveria criar a unidade entre o homem e a mulher. As propriedades do amor eram tais que os religiosos afirmavam que o amado e o amante não formavam mais dois seres, mas um único. [grifo do autor] (VAINFAS, 1986, p. 51)

Entretanto, esses não eram os planos de Olímpico. Ele, ao conhecer Glória, colega de trabalho de Macabéa, logo se interessou pela moça, abandonando a nordestina sem nenhuma culpa ou compaixão. Assim terminara o sonho de Macabéa, fora dispensada, trocada por outra mulher a quem ela considerava “um estardalhaço de existir” (LISPECTOR, 2006, p. 75). Uma mulher que traz no próprio nome a insígnia do poder e da sublimação. Assinala-se, deste modo, a supremacia de Glória e Olímpico em relação à Macabéa, que, sendo feia e ignorante, mantém-se em um plano submisso à beleza e ao sucesso da colega de trabalho e à esperteza e perspicácia do nordestino, sendo, portanto, a parte mais frágil e desprovida de quaisquer características que lhe permitam um duelo de igual para igual no triângulo amoroso do qual faz parte.

A dor desencadeada pela traição do namorado invadiu a nordestina, mas ela, ingenuamente, não entendia ao certo o que sentia, pediu uma aspirina à colega de trabalho, agora sua rival. Glória então pergunta:

- Por que é que você me pede tanta aspirina? Não estou reclamando, embora isso custe dinheiro.
- É para eu não me doer.
- Como é que é? Hein? Você se dói?
- Eu me dôo o tempo todo.
- Aonde?
- Dentro, não sei explicar. (LISPECTOR, 2006, p. 81)

A névoa romântica se descortina para Macabéa, ela agora precisa enfrentar a dor de perder o namorado e despir-se do sonho de casar-se com Olímpico. Na verdade, a infidelidade pode não ter sido a pior coisa que ele tenha feito para o fim do namoro com a datilógrafa; o namoro entre os dois era “morno” e ele nunca demonstrou nenhum sentimento de carinho ou amor pela moça. O narrador então elucida tais assertivas: “Olímpico na verdade não mostrava satisfação nenhuma em namorar Macabéa” (LISPECTOR, 2006, p. 77). Ela nunca teve um namorado e, de certo, não sabia como os namorados agem e de que modo tratam suas companheiras, talvez por isso, não

conseguisse perceber o comportamento pouco acolhedor de Olímpico, ao qual se submetia.

Depois do rompimento do namoro com Olímpico, Macabéa, aconselhada pela colega de trabalho, procurou a cartomante madama Carlota provavelmente supondo que a vidente pudesse dar um jeito em sua vida tão sofrida, pois, Glória deu-lhe boas notícias a respeito da advinha. Disse que a cartomante havia previsto seu namoro com Olímpico, e disse mais: “Inclusive madama Carlota também quebra feitiço que tenham feito contra a gente. Ela quebrou o meu à meia-noite em ponto de uma sexta-feira treze de agosto, lá para lá de S. Miguel, num terreiro de macumba.” (LISPECTOR, 2006, p. 90). A cartomante, de fato, fez grandes e boas previsões a respeito do futuro de Macabéa, sobretudo ao que se refere à vida amorosa. Disse que a nordestina conheceria um estrangeiro, e mais, que este se casaria com ela, conforme se vê no seguinte trecho da narrativa:

Agora estou vendo outra coisa (explosão) e apesar de não ver muito claro estou também ouvindo a voz de meu guia: esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha enjeitadinha, vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar! Macabéa começou (explosão) a tremilicar toda por causa do lado penoso que há na excessiva felicidade. (LISPECTOR, 2006, p. 97)

Macabéa estava em êxtase com tal profecia, finalmente iria realizar o seu grande sonho: casar-se. “Estava meio bêbada, não sabia o que pensava, parecia que lhe tinham dado um forte cascudo na cabeça de ralos cabelos, sentia-se tão desorientada como se lhe tivesse acontecido uma infidelidade.” (LISPECTOR, 2006, p. 98) Nada mais importava, pois além de se casar, o noivo era rico, lhe daria uma vida confortável e lhe proporcionaria grandes alegrias. “Esquecera Olímpico e só pensava no gringo: era sorte demais pegar homem de olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos, não havia como errar, era vasto o campo das possibilidades.” (LISPECTOR, 2006, p. 98) A cartomante lhe decretara uma “sentença de vida”. Mas a jovem saiu da casa da vidente com tamanha empolgação que, distraída, ao atravessar a rua foi atropelada por uma

mercedes. Morreu sem ter tempo de realizar seu sonho. Na verdade, podemos dizer que morreu em consequência dele, pois se não estivesse tão extasiada com a possibilidade de casar-se com o tal estrangeiro, talvez tivesse olhado a rua antes de atravessar.

2.3 O ENCONTRO COM A MORTE

*E se acabou no chão feito pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público.
Morreu na contramão atrapalhando o
trânsito.*

(Chico Buarque)

O nascimento e a morte são os dois maiores e mais importantes acontecimentos da vida. “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida” (LISPECTOR, 2006, p. 25). É com esse nascimento através do “sim” que Clarice Lispector começa a tecer a vida de Macabéa e é, também, através do mesmo “sim” que encerra a história da nordestina, indicando o “fim” se trocarmos o “f” pelo “s”. A morte de Macabéa finaliza o romance e representa mais um dos muitos símbolos da *urbe* moderna e caótica, pois, conforme informações do Departamento Nacional de Trânsito - DENATRAN, os atropelamentos são o tipo de acidente que mais causa vítimas fatais nas áreas urbanas. Como se se cumprisse um destino traçado desde o começo, Macabéa morre atropelada, esmagada pela fúria desenfreada da cidade, que tende a expurgar tudo o que lhe é estranho, tudo aquilo que se encontra fora do compasso. O trânsito frenético das grandes cidades é como um imenso rio de aço. A nordestina não conseguiu acompanhar o fluxo da metrópole: morre esmagada por ela. É chegada, então, “a hora da estrela”, já preconizada no início do romance pelo narrador:

Na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes. (LISPECTOR, 2006, p. 45)

A jovem, entretanto, no instante fatal, jogada no chão depois de ter sido atropelada pela luxuosa Mercedes, reluta em não se entregar ao “abraço da morte”. Mesmo tendo levado uma vida tão infeliz, conservava em si uma espécie de auto-preservação.

Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá. [...] Acho que ela não vai morrer porque tem tanta vontade de viver. (LISPECTOR, 2006, p. 104)

Mesmo levando uma vida tão sofrida, desejava viver, pois estava prestes a passar pela maior de todas as angústias, a da morte. Essa mesma angústia também é experimentada pelo narrador, que ao “matar” Macabéa também morreria. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?! (LISPECTOR, 2006, p. 106). Para Arthur Schopenhauer:

O temor da morte é independente de todo conhecimento: pois o animal o possui, embora não conheça a morte. Tudo o que nasce já o traz consigo ao mundo. Esse temor da morte *a priori* é, entretanto, justamente apenas o reverso da Vontade de vida que todos nós somos. Por isso em cada animal, ao lado do cuidado com sua conservação, é inato o medo diante da própria destruição. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 62)

Essa tendência natural ou instintiva de agir em função da preservação da própria existência leva o narrador a tentar, a todo custo, adiar a hora fatal. Nessa tentativa de adiamento, simultaneamente, nos deparamos com o poder e a impotência do narrador perante os fatos. Ele, o narrador, ora se coloca como o responsável pela tomada de decisão sobre a vida ou morte de sua personagem, demonstrando seu poder de direcionar os acontecimentos da trama: “Eu poderia resolver pelo caminho mais fácil, matar a menina-infante, mas quero o pior: a vida.” (LISPECTOR, 2006, p. 103). E ora pede ajuda aos leitores para que estes intercedam pela nordestina: “[...] rezem por ela e que todos interrompam o que estão fazendo para soprar-lhe vida” (LISPECTOR, 2006, p. 103). Contudo, a morte de Macabéa não está nas mãos do narrador, nem tão pouco

cabe aos leitores tentar evitá-la, fora arquitetada pelo destino: “– Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora; é já, chegou a minha vez” (LISPECTOR, 2006, p. 99). Não caberia outro fado para a alagoana senão a morte. Pois o que seria, para a moça solitária, após descobrir sua não-existência, ver sucumbir aos poucos a esperança de futuro que madama Carlota lhe incutira e que jamais, provavelmente, se realizaria? A morte de Macabéa era algo inevitável e aparece como sinônimo de liberdade, a nordestina se livrou, através da morte, da difícil vida que tinha, logo, se libertou daquele mundo que a aprisionava: “Ela estava enfim livre de si e de nós” (LISPECTOR, 2006, p.106). Na hora da morte tinha apenas a si mesma em sua agonia muda, porque algumas pessoas haviam se agrupado em torno dela mas ficaram inertes “[...] sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito por ela” (LISPECTOR, 2006, p.101), viveu e morreu na solidão, provando da sensação ambígua de estar só num mundo povoado. “Que se há de fazer com a verdade de que todo mundo é um pouco triste e um pouco só” (LISPECTOR, 2006, p. 48). Mais uma vez nos deparamos com a degradante situação das relações humanas nas grandes cidades; as pessoas nada fizeram para socorrer Macabéa, ela era apenas mais uma vítima da fúria da metrópole. Macabéa teve apenas a si mesma durante a vida e na hora da morte. Sua estranheza, suas origens e seu modo de agir na grande metrópole a fez viver e morrer sozinha, foi para ela mesma última presença e último calor. Conforme Edgar Morin (1997), ao analisar “a crise contemporânea e a crise da morte”, “tudo remete o indivíduo solitário para uma solidão cada vez mais miserável no vazio de um nada ilimitado. Aquele que se sente estranho no mundo, tem-se apenas a si mesmo, última presença, último calor” (MORIN, 1997, p. 266).

A Hora da estrela começa e também termina com um “sim”, como uma espécie de círculo onde se volta sempre ao começo, numa constante repetição e estamos de volta ao começo. É possível repetir a saga de Macabéa? “sim”. Ela teve o mesmo destino de milhares de nordestinos que continuamente migram para o sul/sudeste do país, alimentados pela esperança de conseguirem uma melhor condição de vida, muitas vezes são esmagados, físico e simbolicamente pela metrópole que, em nome do progresso, atropela aqueles que estiverem no caminho e que não conseguiram se ajustar ao desenfreado ritmo da produção e do lucro. Mortes representadas na literatura, também,

pelos personagens Chico Bento, em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, migrante que, tal qual Macabéa, morre atropelado. Ou por Nelo, em *Essa Terra*, de Antonio Torres, que se sente envergonhado de ter fracassado na cidade grande e, ao regressar à terra natal, se suicida ao se dar conta da ruína de seu sonho. Lembra-se das infelicidades que viveu na metrópole e dá cabo da própria vida por não conseguir superar a desventura do regresso sem nenhum sucesso para exhibir aos que ficaram e esperam por boas notícias.

Há um certo determinismo no destino das três personagens nordestinas, suas mortes parecem inevitáveis. Expulsos de suas terras pelas intempéries da seca e da miséria, não encontram no novo lugar a riqueza e prosperidade sonhados, sofrem a última expulsão, como diz Mario Benedetti (1986, p. 12): “[...] sempre há mais: a doença, o analfabetismo, a fome, a inveja, a impotência. Todas são expulsões da vida plena. E, na província alheia, está a morte, que é o exílio final, o irreparável.”

3 IMAGENS DE GLÓRIA: A CARIOCA DA GEMA

3.1 “UM ESTARDALHAÇO DE EXISTIR”

*Ela é carioca, ela é carioca
Basta o jeitinho dela andar [...]
Só sei que eu sou louco por ela
E pra mim ela é linda demais
E além do mais,
Ela é carioca, ela é carioca*
(Tom Jobim)

Toda a estranheza, submissão e feiura da personagem Macabéa são postas em contraste com a beleza e autonomia de sua colega de trabalho, Glória. Carioca e “bem resolvida”, traz em seu nome o estigma do sucesso, alguém que carrega em si a capacidade de traçar as normas de sua própria conduta. Uma mulher moderna e, através dela, Lispector nos lança num universo representado por uma personagem que foge às estruturas mantenedoras da domesticidade feminina da década de 1970. Tinha uma profissão, um trabalho que lhe rendia um salário maior do que o recebido pela alagoana Macabéa, pois “[...] Glória era estenógrafa e não só ganhava mais como não parecia se atrapalhar com as palavras difíceis das quais o chefe tanto gostava” (LISPECTOR, 2006, p. 57). Tais características não especificam apenas o feminino moderno, mas revelam a tendente emancipação da mulher frente aos estereótipos da imagem de submissão impostos ao longo do tempo por uma sociedade que não via a mulher como um ser capaz de inventar o próprio destino de acordo com suas necessidades internas. A carioca é apresentada por Lispector como uma personagem que produz uma desvitalização do ideal de mulher do lar, dando legitimidade a uma imagem de mulher cujos desejos íntimos e individuais se sobrepõem aos desígnios sociais que sempre reservaram ao feminino um caminho traçado: casar, ter filhos; zelar pelo lar ou desenvolver tarefas subalternas como lavadeira, faxineira e babá. Não cabia a elas pensar em estudo, carreira profissional ou planejar se queriam, ou não, ter filhos e se essa maternidade aconteceria dentro ou fora do casamento.

Após a Segunda Guerra Mundial, nas décadas de 1960 e 1970 ocorreu uma significativa mudança social dos costumes. O aparecimento da contracultura, dos movimentos

ambientalistas, das reivindicações de tolerância aos grupos minoritários, das revoluções tecnológicas e das novas vanguardas artísticas, abalaram muitos dos valores sociais hegemônicos até então. No Brasil, especificamente, tudo isso acontecia num período de ditadura militar que combatia de maneira cruel os diversos movimentos populares como o sindical e o estudantil. Em meio a essa turbulência também nasceram os movimentos feministas, os quais defendiam uma maior liberdade de atuação feminina no contexto da modernidade. Principalmente na Europa e América do Norte, as mulheres começaram a reivindicar com mais veemência o direito de usar o próprio corpo segundo suas vontades e desejos. Os principais indicadores objetivos dessa nova tendência histórica, segundo Mirian Goldenberg (2007), foram a elevação do consumo de contraceptivos e o consequente controle da procriação; o acesso a mecanismos de geração de filhos sem a dependência da figura masculina; o acesso ao mercado de trabalho formal em condições iguais aos homens e a maior frequência às atividades sociais que até então lhes eram proibidas. A obra de Clarice Lispector não ficou imune às conquistas femininas, em *A Hora da estrela*, Glória se personifica da simbologia da mulher que busca conquistar seus desejos, rompendo com a submissão imposta às mulheres por muitos séculos. “Ela era muito satisfatória: tinha tudo o que seu pouco anseio lhe dava. E havia nela um desafio que se resumia em ‘ninguém manda em mim’.” (LESPECTOR, 2006, p. 84). Essa figura feminina está bem caracterizada por Gilles Lipovetsky, em seu livro *A terceira mulher*. São palavras do autor:

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, instalou-se uma nova figura social do feminino, instituindo uma ruptura muito importante na “história das mulheres” e exprimindo um último avanço democrático aplicado à condição social e identitária do feminino. Chamamos essa figura sócio-histórica de *a terceira mulher*. Pela primeira vez, o lugar do feminino não é mais preordenado, orquestrado de ponta a ponta pela ordem social e natural. (LIPOVETSKY, 2000, p. 12). [grifos do autor]

As observações de Lipovetsky são bastante pertinentes e apontam para uma condição histórica diferenciadora. “O mundo fechado de antigamente foi substituído por um mundo aberto ou aleatório” (LIPOVETSKY, 2000, p. 12). O exercício do livre-arbítrio está disponível tanto para o homem como para a mulher e essa equivalência ressignifica as imposições sociais, particularmente para com o feminino. Segundo o autor, a

“terceira mulher” aparece como aquela capaz de reivindicar igualdade de condições, em relação aos homens, na disputa pela hierarquia nas diversas esferas do poder.

“Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice.” (LISPECTOR, 2006, p. 78). A descrição da personagem lispectoriana revela que a moça dispunha de visíveis artifícios de sensualidade, pois “amaneirada no bamboleio do caminhar”, como símbolo de sua “mulatice”, faz uma referência à sensualidade da mulata brasileira, que é vista como símbolo sexual do país. Neste sentido nos reportamos ao que disse o antropólogo francês Roger Bastide (1955, p. 183) de que “[...] o mulatismo não é somente um fenômeno biológico, é também um fenômeno cultural”, pois, neste caso, Glória apresenta características de mulata que vão além de aspectos meramente biológicos, como a cor da pele, mas que estão ligadas à herança cultural do estereótipo da mulata como símbolo sexual. Tal estereótipo adquiriu contornos fecundos na época da colonização do Brasil, período em que a sociedade ostentava a imagem da virilidade masculina em contraposição à castidade das moças brancas. Pois, ao homem sempre foi estimulada a prática de experiências sexuais antes do casamento, fato inaceitável ao se tratar das moças brancas destinadas ao matrimônio honroso e à maternidade. Às escravas e posteriormente às mulatas fora destinado o papel de satisfazer sexualmente os seus senhores. A essas mulheres não recaíam as pressões da moral patriarcal-cristã, como no caso das brancas. Segundo Teófilo de Queiroz Júnior, (1982, p. 28) “[...] compelida a uma vida de virtuosa obscuridade, de tímida submissão ao homem a mulher da sociedade tradicional brasileira casava-se cedo, inexperiente e sujeita a um procedimento sexual que não correspondia ao experiente proceder do marido.” Vista como a procriadora e responsável pela administração dos afazeres da casa, não competia à esposa a satisfação sexual do marido, tarefa destinada às fogosas mulatas a quem os senhores legavam o prazer sexual.

Graças a seus encantos físicos, foi a mulata avaliada através de critérios opostos de apreciação. Por reunir peculiaridades físicas da branca e da negra, constituiu-se ela num tipo de beleza *sui generis*: a de mulher branca com acréscimo dessa pontinha fogo, dessa lasciva atraente que lhe dá o sangue negro, segundo consta. Passou desde logo, a ser exaltada por sua beleza e, ao mesmo tempo, tornou-se cobiçada por seus atrativos sexuais, os quais tanto a comprometiam, visto não haver resguardos de qualquer ordem que a protegessem contra a atração provocativa. (QUEIROZ JÚNIOR, 1982, p. 29)

Glória herdara características da mulatice que explicitadas por meio de seu bamboleio no caminhar a tornava uma concorrente com requisitos físicos, de certo modo, desleais aos de Macabéa. Seduzir Olímpico de Jesus, fazendo com que ele rompesse o namoro com a nordestina não foi tarefa difícil para a carioca, seus atributos físicos, associados ao seu *status* social, foram motivos mais que suficientes para que o nordestino optasse por Glória. Logo, ela representava mais do que uma loira com bamboleio de mulata, reunia características que a tornavam uma mulher atraente.

A expressão corporal no caminhar da personagem nos revela, ainda, que o corpo está coberto de signos distintivos. Neste caso, as formas do corpo também tornam visíveis as diferenças entre Glória e Macabéa, pois enquanto a nordestina “magricela” tinha o “corpo cariado”, e o “rosto com ferrugem”, sua colega de trabalho “era um estardalhaço de existir. E tudo devia ser porque Glória era gorda” (LISPECTOR, 2006, p. 79). Diante da exposição de tais características, podemos inferir que existe aí uma construção cultural da ideia de corpo, alguns atributos são valorizados em detrimento de outros, fazendo com que haja um tipo de corpo adequado e outro inadequado em determinados contextos históricos e culturais. As formas do corpo de Glória eram valorizadas, mesmo sendo gorda, enquanto Macabéa era rejeitada por ser magra, contrariando ao padrão de beleza do século XXI que preconiza como mais belas as mulheres que se aproximam das medidas de modelos esguias e esbeltas.

Lispector, ao delinear tais diferenças entre as duas personagens, corrobora a ideia de que o corpo pode ser um mecanismo capaz de definir certos comportamentos, ou seja, uma pessoa pode ser rejeitada e estereotipada a partir das medidas impostas pelos

padrões de beleza, ao contrário de outras que podem ser aceitas e bem sucedidas em razão de disporem de certos requisitos de beleza exigidos culturalmente. Ao considerarmos as noções do que é belo e aceitável em relação às medidas do corpo em *A Hora da estrela*, obra publicada na década de 1970, verificamos que essa aceitação tem sofrido alterações com o passar dos anos, pois a personagem Glória aparece como aquela que responde aos requisitos de aceitação de beleza justamente por ser gorda. Assim, o corpo, ao longo do tempo, tem servido de parâmetro para definir quem está ou não está com as medidas apropriadas para um saudável convívio social.

Sabe-se que os conceitos de beleza não são universais, possuem a característica da transitoriedade, ou seja, o que se considera atraente em uma mulher não dura para sempre. Tudo depende da moda dominante, da cultura de determinada época, da etnia e das diferentes percepções de quem analisa. Na Renascença as mulheres gordas eram consideradas as mais belas e desejadas, pois tal característica demonstrava que a família da referida moça era abastada, possuía muitos bens. Na Idade Média, a ideia de fertilidade reclamada como compensação às inúmeras mortes ocorridas nas cruzadas valorizava a mulher de quadril largo e ventre avolumado. O povo maori admira uma vulva gorda e o povo padung, seios caídos. (WOLF, 1992). Deste modo, o padrão de modelo jovem e esquelética faz parte de um universo de exigências recentes que têm torturado muitas mulheres que se sacrificam em busca desse ideal.

Tais modificações implicam em uma espécie de servidão feminina, pois à medida que as mulheres foram se libertando das amarras da domesticidade, da castidade e da passividade, tornaram-se “escravas da beleza”. Segundo Naomi Wolf,

Depois do sucesso da segunda onda do movimento das mulheres, o mito da beleza foi aperfeiçoado de forma a frustrar o poder em todos os níveis na vida individual da mulher. As neuroses modernas da vida num corpo feminino se espalharam de mulher para mulher em ritmo epidêmico. O mito está solapando – de forma lenta, imperceptível, sem que percebamos a verdadeira força da erosão – o terreno conquistado pelas mulheres em luta árdua, longa e honrosa. (WOLF, 1992, p. 23 – 24)

Para atender às exigências do mito da beleza, crescem em ritmo acelerado os distúrbios relacionados à alimentação; as cirurgias plásticas de natureza estética têm se tornado uma das maiores especialidades médicas; as academias estão cada vez mais lotadas de mulheres que tentam, a todo custo, remodelar o corpo, além do mercado publicitário dos produtos de beleza que divulgam seus “milagres” e impõem às consumidoras a falsa ilusão de que, usando tal produto, se tornarão tão belas quanto as modelos dos anúncios. Del Priore (2004, p. 261) aponta um movimento que a mulher fez ainda no século vinte: o despir-se. A partir daí o nu passa a estar presente na mídia, nas televisões, nas revistas e nas praias. Com o corpo exposto, a solução foi cobri-lo de cremes, vitaminas, silicone e colágenos. A pele tonificada, alisada, limpa, apresenta-se idealmente como uma nova forma de vestimenta, que não enruga e nem “amassa” jamais. Conforme a autora, uma estética esportiva voltada ao culto do corpo, fonte inesgotável de ansiedade e frustração, levou a melhor sobre a sensualidade imaginária e simbólica. A autora enfatiza que, diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social. Segundo Mirian Goldemberg,

Na segunda metade do século XX o culto ao corpo ganhou uma dimensão social inédita: entrou na era das massas. Industrialização e mercantilização, difusão generalizada das normas e imagens, profissionalização do ideal estético com a abertura de novas carreiras, inflação dos cuidados com o rosto e com o corpo: a combinação de todos esses fenômenos funda a idéia de um novo momento da história da beleza feminina e, em menor grau, masculina. A mídia adquiriu um imenso poder de influência sobre os indivíduos, generalizou a paixão pela moda, expandiu o consumo de produtos de beleza e tornou a aparência uma dimensão essencial da identidade para um maior número de mulheres e homens. (GOLDEMBERG, 2007, p. 08)

Tal influência midiática aparece em *A Hora da estrela* através das diversas referências que Clarice Lispector faz aos anúncios de produtos de beleza colecionados e apreciados por Macabéa. “Havia um anúncio, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente não eram ela.” (LISPECTOR, 2006, p. 55). Há, além disso, outras referências ao uso de esmaltes de unha, tintura para o cabelo, cremes para o rosto, batons e outras maquiagens utilizadas não apenas por Glória, mas também por Macabéa e pela cartomante madama Carlota. Glória tingia os

cabelos, e oxigenava os pelos das axilas e das pernas, Já “[...] madama Carlota era enxundiosa, pintava a boquinha rechonchuda com vermelho vivo e punha nas faces oleosas duas rodela de ruge brilhoso” (LISPECTOR, 2006, p. 92). De certo, influenciadas pelos modismos do momento ou inspiradas em estrelas do cinema, como podemos ver no trecho da narrativa em que Macabéa, um dia depois de ter perdido o namorado, resolveu aproximar-se da aparência da estrela de cinema, Marilyn Monroe, símbolo de beleza feminina, pois seu grande desejo era o de assemelhar-se à atriz:

Já que ninguém lhe dava festa, muito menos noivado, daria uma festa para si mesma. A festa consistiu em comprar sem necessidade um batom novo, não cor-de-rosa como o que usava, mas vermelho vivante. No banheiro da firma pintou a boca toda e até fora dos contornos para que os seus lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marilyn Monroe. (LISPECTOR, 2006, p. 80)

Outra característica que diferenciava a carioca da alagoana era o fato de Macabéa possuir os “ovários murchos”, enquanto Glória, “pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira” (LISPECTOR, 2006, p. 79). Esse foi um dos motivos pelos quais Olímpico abandonou Macabéa para ficar com Glória. A beleza é um requisito importante na hora da escolha de um homem por uma parceira e, ao longo do tempo, a beleza feminina esteve relacionada com a capacidade de ter filhos. As mulheres gordas, que possuíam quadril largo e cintura fina eram os modelos mais propícios e indicavam a possibilidade de gerar uma prole saudável. Conforme afirma Mary Del Priore,

Esse potencial procriador está nos quadris, está nas cadeiras, no bumbum, no ventre. Quanto mais cheio embaixo, mais bonita era a mulher. A moda, inclusive, vai acentuar esse critério estético porque a moda das anquinhas, que atravessa toda a segunda metade do século XIX, ela acentua o posterior da mulher, enquanto o espartilho comprime violentamente a cintura, projetando os seios. Então, realmente a mulher se torna no imaginário masculino um verdadeiro violão. (DEL PRIORE, 2004, p. 257)

Para o antropólogo Gilles Lipovetsky (2000), embora a cultura tenha criado padrões estéticos diferentes, como o culto à magreza que se vê hoje, o cérebro masculino

continua reagindo à beleza da mesma forma que há milhares de anos. Pois, segundo ele, os homens não se sentem atraídos por mulheres muito magras. Sendo esqueléticas, perdem os ícones da sexualidade, a simetria existente entre a cintura fina e o quadril largo fica prejudicada em razão do emagrecimento e redução do quadril, além dos seios que diminuem e, diante de tais transformações, o cérebro masculino não decodifica tal figura como sendo um corpo de mulher, conseqüentemente não sente desejo. Fato que pode justificar a rejeição de Olímpico à Macabéa, como vemos nas palavras do nordestino: “Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero” (LISPECTOR, 2006, p. 79). A gordura como padrão de beleza também era associada ao consumo alimentar, as mulheres mais gordas representavam as classes mais privilegiadas, que tinham uma boa alimentação, enquanto a magreza sempre era vista sob a perspectiva da fome, do empobrecimento e da doença.

No que diz respeito às referências à comida na narrativa, chama-nos a atenção o fato de as personagens Macabéa e Glória estarem associadas, de algum modo, à degustação. Olímpico declara à Macabéa que ela era “um cabelo na sopa, não dá vontade de comer”, enquanto a nordestina, ao conhecer o rapaz torna-o imediatamente a sua “goiabada-com-queijo”. Ambas as personagens fazem uma associação de suas preferências pelos parceiros ao código visual dos alimentos que as agradam, ou não, aqueles que as fazem “comer com os olhos” ou recusá-los por sua aparência. Há ainda, nessa associação, a existência de códigos culturais que, notadamente, estão vinculados à sexualidade degustativa, aquilo que distingue o “gostoso” do desagradável, o quente do frio. Para o antropólogo Roberto Da Matta (1986),

O fato é que as comidas se associam à sexualidade, de tal modo que o ato sexual pode ser traduzido como um ato do “comer”, abarcar, englobar, ingerir ou circunscrever totalmente aquilo que é (ou foi) comido. A comida, como a mulher (ou o homem, em certas situações), desaparece dentro do comedor – ou do comilão. Essa é a base da metáfora para o sexo, indicando que o comido é totalmente abraçado pelo comedor. A relação sexual e o ato de comer, portanto, aproximam-se num sentido tal que indica de que modo nós, brasileiros, concebemos a sexualidade e a vemos, não como um encontro de opostos e iguais (o homem e a mulher que seriam indivíduos donos de si mesmos), mas como um modo de resolver essa

igualdade pela absorção, simbolicamente consentida em termos sociais, de um pelo outro. Assim, a relação sexual, na concepção brasileira, coloca a diferença e a radical heterogeneidade, para logo em seguida hierarquizá-las no englobamento de um comedor e um comido. (DA MATTA, 1986, p. 40)

De acordo com as definições de Da Matta, Olímpico aparece na figura do “comedor” enquanto Macabéa do que seria o “comido”, contudo, a alagoana era “café frio”, enquanto Glória tinha “comida quente em hora certa”. Popularmente diz-se que uma mulher bonita é “gostosa” e que se sua prática sexual agrada ao parceiro ela é “quente”, conotações que, no romance, não correspondem às descrições de Macabéa, pois a moça não dispunha de beleza física nem de artifícios de sensualidade, “ela que de aparência era assexuada” (LISPECTOR, 2006, p. 51). Além disso, “o namoro [com Olímpico] entrara em rotina morna, se é que alguma vez haviam experimentado o quente” (LISPECTOR, 2006, p. 78), assim, o frio, morno e de aparência desagradável (cabelo na sopa) estão associados à Macabéa, enquanto o quente e o gostoso, podem se agregar aos traços peculiares da carioca Glória, conforme elucidados anteriormente no presente texto.

Sendo assim, a vida na grande cidade não era problema para Glória, ao contrário, tal característica a tornava superior a nordestinos como Olímpico e Macabéa, que consideravam a carioca como alguém admirável. Talvez essa admiração fosse um reflexo, também, da tamanha autoestima que a moça fazia questão de externar: “Glória era toda contente consigo mesma: dava-se grande valor” (LISPECTOR, 2006, p. 84). Na era moderna o culto do “eu” ganha lugar de destaque na representação de nossa cultura. Glória aparece, então, enquanto resultado desse processo de construção da pessoa moderna, que se sente senhora das suas vontades e da verdade, ganhando autonomia em um mundo onde reina a consciência individual e a liberdade, priorizando características de constituição de uma identidade moral que valoriza a individualidade.

3. 2 A BUSCA E ENCONTRO DO AMOR

Se Deus criou as pessoas para amar, e as coisas para cuidar. Por que amamos as coisas e usamos as pessoas?

(Bob Marley)

A aproximação entre Olímpico e Glória acontece mediada pelo interesse, principalmente, por parte dele, que vislumbrava alcançar, por intermédio dessa relação, ascensão social. Ao conhecer Glória ele logo percebeu que poderia, de algum modo, tirar algum proveito e mais, “[...] pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira. Enquanto Macabéa lhe pareceu ter em si mesma o seu próprio fim” (LISPECTOR, p. 78). Para Olímpico, Glória possuía, então, os requisitos necessários para ser um “bom partido”, seu tipo físico demonstrava, além dos atributos de sedução, que a moça era boa parideira e tinha alimentação farta.

Além de ter uma grande vantagem que nordestino não podia desprezar. É que Glória lhe dissera, quando lhe fora apresentada por Macabéa: "sou carioca da gema!" [...] O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país. (LISPECTOR, 2006, p. 77)

Olímpico, sendo nordestino, sentia-se em posição de subalternidade em relação aos sulistas, pois a visão estereotipada do Nordeste como região pobre e inferior às demais regiões do país, inconscientemente, se estende aos sujeitos que tiveram origem nesse espaço, daí surge a admiração do paraibano pela carioca. Ele, enquanto migrante, deixou seu universo cultural recebido por herança ao nascer e se lançou em direção a outro onde se deparará com o desafio de ultrapassar a difícil barreira entre a ilusão e o sonho de uma vida melhor e a dura realidade de conviver com o desconhecido. Se vê, portanto, segregado e marginalizado na terra que escolheu para depositar seus esforços, sua força de trabalho na esperança de melhorar suas condições de vida. Diante de tal segregação, unir-se a uma carioca lhe possibilitaria, de algum modo, fazer parte desse novo e admirado universo. Pois, o sentimento de não-pertença e o desenraizamento

provocam no nordestino uma crise identitária, ele perde sua referência individual, desejando assumir o lugar do outro, daquele que representa o modelo bem sucedido de ascensão social. Segundo Helenilda Cavalcanti (2002, p. 145), "[...] a imagem de 'querer ser outro' parece falar aí de uma figura da modernidade e dos procedimentos para lidar com os lugares que vão sendo perdidos ou substituídos." Na visão de Michel de Certeau, ser outro, querer ser outro é

[...] algo que se inicia da pessoa consigo mesma, sendo ampliado pelos desdobramentos do indivíduo com a realidade, com seus efeitos nos espaços públicos e privados, dentro dos quais o indivíduo inaugura suas práticas de ser e de ter um lugar. (DE CERTEAU, 1994, p. 32).

Desse modo, Glória representava uma “glória” para a vida sofrida de Olímpico. Proporcionaria ao nordestino o acesso e aproximação a esse “outro” que ele desejava ser. A individualidade do migrante encontra-se afetada em razão de que suas referências anteriores foram ampliadas por vivências secundárias do novo ambiente, essa profusão de novas vivências somadas às experiências anteriores provocaram uma confusão nas respostas à vida privada e pública de Olímpico. O modelo de vida levado pela carioca torna-se, então, alvo das ambições do nordestino como sinônimo de pertencimento àquele espaço e, também, como uma maneira de ter acesso a bens materiais e a uma convivência familiar da qual ele se encontra privado ou nunca teve. Conforme se vê no seguinte trecho da narrativa: “[...] posteriormente de pesquisa em pesquisa, ele soube, que Glória tinha mãe, pai e comida quente em hora certa. Isso a tornava de primeira qualidade. Olímpico caiu em êxtase quando soube que o pai dela trabalhava num açougue” (LISPECTOR, 2006, p. 78). A união com Glória ganha uma importância econômica e social fundamental para Olímpico, pois esse vínculo com uma sulista ajudaria na formação de uma identidade social diferente daquela vivenciada pelo migrante, sempre visto como pertencente a uma classe inferior. Inferioridade conferida aos nordestinos em consequência dos estereótipos criados imagética e discursivamente, propagando a equivocada e generalizada figura de que o povo oriundo do Nordeste é miserável e inculto. Esse estereótipo se pauta nas dificuldades de sobrevivência, sobretudo dos menos favorecidos, numa região afetada diretamente pelas condições adversas do clima, associadas a uma política socioeconômica opressora, que se vale das

necessidades de um povo para promover campanhas assistencialistas e de autopromoção que propagam um quadro de miséria.

Segundo Durval Muniz Albuquerque Júnior, no livro *Invenção do Nordeste e outras artes*, (2009) a ideia de Nordeste foi inventada após a década de 1910. Para o autor, até essa época não existia o Nordeste e, por conseguinte, não existiam também os nordestinos. Tais conceitos emergiram, paulatinamente, nos discursos jornalísticos, artísticos, científicos e literários, sobretudo a partir da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e dos textos considerados por críticos como “regionalistas”, publicados na década de 1920. Gradativamente, ao longo do século, foram sendo traçadas imagens estereotipadas do nordestino miserável, raquítico, cabeça-chata e ignorante, em oposição ao homem civilizado e educado do Sul e Sudeste. Para Albuquerque Júnior:

O Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido. [...] Devemos pensá-lo, sim, como uma construção histórica em que se cruzaram diversas temporalidades e especialidades, cujos mais variados elementos culturais, desde eruditos a populares, foram domados por meio das categorias de identidade, como: memória, caráter, alma, espírito, essência. O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 343)

Macabéa se revestia dos estereótipos negativos a respeito do nordestino. Olímpico, então, não enxergava nela nenhuma característica da qual ele pudesse tirar proveito para melhorar de vida. A própria Macabéa, mesmo sendo dotada de tamanha ingenuidade, sabia da superioridade de Glória em relação a ela, como podemos ver no trecho do romance:

Glória morava na rua General não-sei-o-quê, muito contente de morar em rua de militar, sentia-se mais garantida. Em sua casa até telefone tinha. Foi talvez essa uma das poucas vezes em que Macabéa viu que não havia lugar no mundo e exatamente porque Glória tanto lhe dava. (LISPECTOR, 2006, p. 81)

A altivez de Olímpico em aproximar-se de Glória por enxergar nisso uma situação vantajosa, recusa o princípio da escolha do cônjuge que leva em conta a valorização do "amor" e dos "sentimentos íntimos". A atitude de contradizer o ideal de amor romântico e a ambição desmesurada do metalúrgico, entretanto, não são consideradas ações moralmente repreensíveis ao se tratar de atitudes praticadas por um homem, pois, segundo Georg Simmel:

Tal como se apresenta a relação entre sexos na nossa cultura, o homem que se casa por dinheiro se vende menos que a mulher no caso análogo. Pertencendo mais ao homem do que este a ela, a mulher corre maiores riscos contraindo um casamento sem amor. (SIMMEL, 2006, p. 61),

Contudo, é necessário considerarmos que Glória, ao ceder às investidas de Olímpico, também estava satisfazendo seu desejo (ou seu interesse) de encontrar um homem a quem pudesse amar. Há, portanto, nessa união uma relação de sujeição recíproca, onde um se dispõe a satisfazer o outro, instigados pela máxima da satisfação de suas próprias necessidades e, nessas circunstâncias, cada um se personifica ora vítima ora algoz. Ambos tinham consciência “racional” dos acontecimentos, enquanto Macabéa se aproximava de uma “animalidade irracional”, agia por instinto e a falta de saber lhe era uma condição própria. A lucidez de Macabéa era uma lucidez limitada ao presente imediato, restringindo-se somente ao superficial. Conforme elucidada o narrador Rodrigo S. M.:

Não saber fazia parte importante de sua vida. Esse não-saber pode parecer ruim mas não é tanto porque ela sabia muita coisa assim como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo e nem a pessoa a sentir fome; nasce-se e fica-se logo sabendo. (LISPECTOR, 2006, p. 45)

Glória, ciente da ingenuidade de Macabéa, não se importou em lhe roubar o namorado. Ficou radiante ao começar seu namoro com o nordestino: “E pensava: não tenho nada a ver com ela. Ninguém pode entrar no coração de ninguém” (LISPECTOR, 2006, p. 84). A nova namorada de Olímpico era uma mulher “bem resolvida” “e havia nela um

desafio que se resumia em ‘ninguém manda em mim’” (LISPECTOR, 2006, p. 84). Era “carioca da gema” e isso era um dos atributos que mais encantava o nordestino, pois, “o fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país” (LISPECTOR, 2006, p. 77). Além disso, o pai de Glória trabalhava num açougue, uma das ambições do metalúrgico. No romance não encontramos referência ao fim do namoro entre a colega de Macabéa e o nordestino, as pistas que temos nos levam a deduzir que os dois formavam um casal feliz e que Glória se empenhava em agradar seu amado e estava contente em tê-lo como namorado, conforme vemos no seguinte trecho: “Macabéa viu-a se despedir de Olímpico beijando a ponta dos próprios dedos e jogando o beijo no ar como se solta passarinho, o que Macabéa nunca pensaria em fazer” (LISPECTOR, 2006, p. 88). Glória, em um dado momento, se compraz do sofrimento de Macabéa e tenta justificar o fato de estar namorando com Olímpico porque foi uma previsão de sua cartomante: “- Olímpico é meu mas na certa você arranja outro namorado: Eu digo que ele é meu porque foi o que a minha cartomante me disse e eu não quero desobedecer porque ela é médium e nunca erra” (LISPECTOR, 2006, p. 89). Esse trecho nos mostra, também, o anseio que Glória tinha de encontrar “sua outra metade”, pois foi capaz de procurar uma cartomante no intuito que ela fizesse alguma previsão de que ela encontraria o amor ou, possivelmente, lhe ensinasse alguma simpatia para atrair algum homem. Atitude que reforça a ideia de que Glória também faz do namoro com Olímpico uma relação baseada na satisfação de seus interesses individuais.

4 MADAMA CARLOTA, A CARTOMANTE

4.1 A PROSTITUTA

O amor pelas prostitutas é a apoteose da empatia pelas mercadorias.
(Walter Benjamin)

O sistema social preconiza como ideal uma estrutura normativa em que não há lugar para os comportamentos que fogem aos padrões estabelecidos como corretos. Contudo, essa tentativa de padronizar os comportamentos e atitudes àquilo que se considera como ideal, ou como política e socialmente corretos, não tem dado conta das diversas categorias sociais que são baseadas em diferentes códigos de condutas, normas e valores. Levando-se em conta a existência das diferentes posições sociais, é preciso considerar que essas geram interesses e necessidades também diferentes, embora essa diferença seja posta como marginal, divergente e transgressora, classificada, muitas vezes, como uma subcultura que se encontra alheia aos padrões legitimados. Assim sendo, o modelo de uniformidade de comportamento não encontra ressonância na realidade social. Não existe um sistema homogêneo ameaçado pelas transgressões, ao contrário, o que existe é um sistema heterogêneo e as diferentes classes e comportamentos são partes dele. Transgressividade diretamente ligada à desobediência a um conjunto de regras prescritivas estabelecidas, sobretudo, por aquilo que Michel Foucault, no livro *História da sexualidade: o uso dos prazeres*, chama de “código moral”. Para ele,

por moral entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente um princípio de conduta; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores. (FOUCAULT, 1984, p. 26)

Com base no código moral, certas condutas são valoradas e legitimadas, enquanto que a outras são atribuídos os caracteres de anormalidade, divergência e transgressão. Mas, além do código moral, existem as leis que surgem como elementos coercivos da transgressão. O sistema legal, ou seja, o direito aparece como instância institucionalizada que serve para coibir aquilo que normas sociais impostas pela cultura e baseadas apenas em valores morais, não conseguiram, por si só, refrear. Neste sentido, vê-se que a sociedade, de modo geral, tende a controlar ou restringir aquelas atitudes que divergem, de uma forma ou de outra, dos padrões normativos ou que atentem contra a moral e os bons costumes. E é como parte desse universo divergente que se encontra a figura da prostituta, um dos adjetivos que dá contorno à figura madama Carlota que, além de cartomante, se declara ex-prostituta e ex-caftina, atividades subversivas e ilegais que são julgadas ilícitas tanto pelos códigos morais de conduta quanto pela legislação do direito penal brasileiro.

Clarice Lispector, ao criar essa personagem, entra pelas alamedas dos códigos morais da sociedade carioca da década de 1970, abordando a temática que se encontra localizada no submundo da ética e dos preceitos morais: a prostituição. Atividade conhecida pelo senso comum como a mais antiga das profissões, aparece no romance pondo à mostra aspectos da mercantilização da libido, do desejo e do prazer, pelos quais se evidenciam, em soma, a desigualdade entre os gêneros e a opressão sofrida pelo feminino, numa experiência simbólica das relações mediadas pelas trocas financeiras em que o uso dos prazeres, associado à apropriação do corpo, redundam na sujeição da mulher aos desígnios masculinos. Há nessa relação duas questões antagônicas: ao tempo em que a prostituta é vista como aquela que rompe com os preceitos morais e se rebela contra o padrão preestabelecido por uma sociedade que prega a monogamia e a preservação dos princípios cristãos no lar, no trabalho, na educação dos filhos e nas relações conjugais, aparece, também, como ser assujeitado e com sua sexualidade dominada e posta na categoria de mercadoria, comercializada como qualquer outra, pois, segundo Armando Pereira (1976, p. 05), “[...] desde que o homem criou o dinheiro, criou também a prostituta. Nesse momento a mulher ingressou na categoria de mercadoria encontrada no mercado. Não é a prostituta senão a resultante da ausência de amor e da presença do dinheiro.” Mais uma mostra de que, dentro ou fora das indústrias e escritórios, o mundo dos homens da cidade passa a ser o mundo das coisas, das mercadorias: mulheres são

como produtos, seus corpos expostos aos potenciais clientes, tentam atrair aqueles que, imersos no mundo da comercialização, compram a companhia de uma mulher ou algumas horas de prazer.

As condições e os motivos que levam as mulheres a essa transgressão ou a essa sujeição são os mais diversos, segundo Maria Dulce Gaspar (1994, p. 67) “[...] considera-se a prostituição como uma anormalidade muitas vezes determinada por perversões individuais e/ou por fatores econômicos.” No caso de madama Carlota, o fator determinante para a entrada na prostituição foi o aspecto financeiro. Segundo ela, a pobreza foi o motivo que a levou a vender o corpo para adquirir dinheiro. A cartomante declara: “- Eu era pobre, comia mal, não tinha roupas boas. Então caí na vida.” (LISPECTOR, 2006, p. 91) Mas, não se queixa dessa condição, ao contrário, declara que era fácil ser prostituta, demonstrando não se importar com o preconceito e o estigma que recai sobre essa profissão. Diz ela: “Olha, quando eu era mais moça tinha bastante categoria para levar vida fácil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus.” (LISPECTOR, 2006, p. 90) Desempenhava suas funções na vida noturna em uma área do Rio de Janeiro vista como local onde se concentraram inúmeras casas de prostituição: a zona do Mangue. Hoje conhecida como Vila Mimosa que ainda abriga cerca de 70 casas de prostituição por onde circulam, estimadamente, cerca de 3.000 homens e 1.500 mulheres nas noites de sexta-feira, segundo dados da Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa.⁴

Após justificar os motivos pelos quais “caiu na vida”, reforça sua afeição à atividade que passou a desempenhar: “E gostei, porque sou uma pessoa muito carinhosa, tinha carinho por todos os homens. Além do mais, na zona era divertido porque havia muita conversa entre as coleguinhas” (LISPECTOR, 2006, p. 91). E posteriormente suspira, enfaticamente, como podemos observar através do ponto de exclamação ao final da frase, quando diz: “Ai que saudade da zona!” (LISPECTOR, 2006, p. 92). Há nesse aspecto uma tensão entre a imagem de desvio e repúdio social a essas mulheres e à relativização de tais preconceitos por meio da identidade assumida e aceita por elas que

⁴ Informação disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Mimosa

constrói uma auto-representação positiva, sem levar em conta a estigmatização negativa direcionada à mulher prostituta. A respeito dessa dupla construção identitária, de um lado a imagem promulgada pela sociedade e do outro a construída pelas próprias prostitutas, Maria Gaspar assevera:

O que parece ocorrer na prostituição, portanto, é que o papel desempenhado sintetiza as características do indivíduo, totalizando sob um único ângulo sua identidade. Porém, não é exatamente isso que se observa ao analisar o discurso das garotas de programa. O que ocorre é uma forte tensão entre o aspecto totalizador da prostituição, que se impõe através de inúmeras acusações, e um aspecto razoável para a elaboração pessoal sobre este papel e todos os outros desempenhados. (GASPAR, 1994, p. 87),

No romance essa imagem negativa da meretriz é explicitada logo no início, antes mesmo de conhecermos madama Carlota, pela atitude da tia de Macabéa ao bater na cabeça da jovem, segundo o narrador, como uma das medidas para impedir que a sobrinha se tornasse mulher da vida, tal qual as prostitutas na capital de Alagoas:

Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual [...] é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem. (LISPECTOR, 2006, p. 31)

Há nessa negatização da figura da prostituta um reflexo da cultura e da manifestação de imagens e de símbolos criados ao longo do tempo acerca dessa experiência. Um desses símbolos pode estar vinculado ao fato de o ato sexual prazeroso, sem fins de reprodução, ser visto como impuro e pecaminoso pela religião judaico-cristã. Difundiuse a sacralização da fecundação e a crença de que a mulher em período menstrual, e até sete dias após a menstruação, encontra-se impura e não pode ser tocada. Vera Paiva, discutindo acerca da profusão dessa crença esclarece que:

Aquilo que é exclusivo da mulher (enquanto corpo natural) só é eventualmente “sagrado” enquanto ela se prepara para a fecundação. O que é apenas no homem (a capacidade de fecundar) é só eventualmente “impuro”. O ato sexual prazeroso é impuro para os dois; a relação corporal, de duas naturezas, do eu com o outro, entre o homem e a mulher, é impura. Sagrado é apenas o seu produto: a vida. (PAIVA, 1993, p. 57)

Neste sentido, o uso do corpo para o coito apenas pelo prazer sexual se caracterizou, por muito tempo, como um ato profano. Gey Espinheira posiciona-se acerca desse assunto dizendo que:

O relacionamento sexual torna-se consciente como um comportamento para além da reprodução da espécie. Essa sociedade em estudo, herdeira da cultura judaico-cristã, valoriza o sexo como mecanismo de reprodução e considera-o como pecado, quando além dessa função estrita. Tal valoração, contudo, permanece como um ideal e não como um comportamento generalizado, aceito pela grande maioria. (ESPINHEIRA, 1984, p. 32-33)

Nos dias de hoje tal preceito se perpetua por meio da condenação das igrejas católica e ortodoxa, além dos praticantes do hinduísmo, ao uso de preservativos e métodos anticoncepcionais que evitariam a concepção, atentando contra o princípio do direito à vida. Ou seja, condena-se o uso de contraceptivos em defesa do ato sexual para fins reprodutivos, por conseguinte, a prostituição é objurgada, além dos aspectos amorais da libertinagem e da devassidão, pela prática do sexo sem fins reprodutivos e a prostituta representando, portanto, o lado negativo e transgressor do ideal de comportamento sexual.

Entretanto, a figura da prostituta é composta por uma dupla condição, está submersa num paradoxo de negação visível e aceitação invisível. Socialmente repudiada, as explicações para sua existência passam por questões ligadas a dificuldades financeiras e vão até necessidades pessoais como causas para tal comportamento, mas, para além dessas explicações, a prostituta é vista – e aceita – como um “mal necessário” à sociedade. Segundo Simone de Beauvoir (1970, p. 126-127), “[...] relegadas

hipocritamente à margem da sociedade, as prostitutas desempenham papel dos mais importantes. O cristianismo despreza-as mas as aceita como um mal necessário.” Corrente de pensamento que segue o que foi dito por Santo Agostinho a esse respeito:

Assim como o verdugo, por repugnante que seja, ocupa um posto necessário na sociedade, assim as prostitutas e seus similares, por mercenárias, vis e imundas que pareçam, são também necessárias e indispensáveis na ordem social. Retirai as prostitutas da vida humana e chegareis ao mundo da luxúria. (*apud* GASPARG, 1994, p. 68)

São Tomás de Aquino (*apud* GASPARG, 1994, p. 68) endossa os mesmos conceitos aludidos por Santo Agostinho: “[...] retirem-se as cloacas da cidade e tudo se encherá de imundície. Retirem-se as meretrizes e tudo se encherá de libido.” E mais ainda, para Margareth Rago (1991, p. 173), “[...] para alívio de pais preocupados com a sexualidade dos adolescentes, as meretrizes eram absolvidas por exercerem a tarefa de iniciação dos rapazes no campo sexual, garantindo-se ao mesmo tempo a castidade das futuras esposas e o futuro desempenho masculino.” Tal aceitação, pois, se justifica em nome da manutenção da moral cristã da mulher “mãe de família”, recatada e honrada. À prostituta, em contraponto, cabe a defesa da ordem frente aos entusiasmos sexuais masculinos.

Ainda analisando a figura de madama Carlota, nos chama atenção a estreita relação existente entre o sagrado e o profano na alegorização dessa personagem. No início da conversa com Macabéa a cartomante faz referência a Jesus Cristo como sendo seu amigo e protetor, mostrando à nordestina um quadro com o coração de Jesus em cores vermelha e dourada. Diz mais: que Jesus sempre a ajudou, por isso ela era fã daquele que, para o cristianismo, é o filho de Deus, representação do sagrado. A ex-prostituta não faz nenhuma menção a Deus, apenas a Jesus e, em vários momentos, repete o nome do filho de Deus, chamando-o de “meu amigo Jesus”, além disso, expõe que é ele quem a protege da polícia e concedeu a ela, através da prostituição, dinheiro para comprar o apartamento e a mobília. Diz ela: “Eu sou fã de Jesus. Sou doídnha por Ele. Ele sempre me ajudou. [...] Seja também fã de Jesus porque o Salvador salva mesmo” (LISPECTOR, 2006, p. 90). Essa salvação à qual madama Carlota se refere pode estar

relacionada ao fato de Jesus Cristo, segundo a Bíblia, ter perdoado a mulher pecadora que lavou-lhe os pés com lágrimas, como consta no Evangelho de Lucas, capítulo 7, versículos 37 a 50: “Apareceu então certa mulher, conhecida na cidade como pecadora. [...] A mulher se colocou por trás, chorando aos pés de Jesus; com lágrimas começou a banhar-lhe os pés. Em seguida, os enxugava com os cabelos [...] E Jesus disse à mulher: seus pecados estão perdoados” (BÍBLIA, 1991, p. 149-150). Ou ainda, ter livrado do apedrejamento uma adúltera. Conforme passagem do evangelho de João, capítulo 8, versículos 4 a 22: “Disseram a Jesus: ‘Mestre essa mulher foi pega em flagrante cometendo adultério. A Lei de Moisés manda que mulheres desse tipo sejam apedrejadas. E tu o que dizes?’ [...] Então Jesus levantou e disse: Quem de vocês não tiver pecado, atire a primeira pedra” (BÍBLIA, 1991, p. 216), vendo que todos se afastaram e ninguém a apedrejou, Jesus disse ainda, “eu também não a condeno”. Segundo os preceitos do cristianismo, prostituir-se é profanar o corpo, e sabendo dessa simbologia, madama Carlota pode ter vinculado o perdão de Jesus Cristo às mulheres pecadoras, como vimos nas passagens bíblicas supracitadas, à sua vida de pecados e intuitivamente imaginava-se também perdoada por ele. Talvez haja uma culpa incutida no subconsciente da ex-prostituta que a leva a se apegar ao Salvador no intuito de minimizar, em si mesma, uma possível crise existencial desencadeada pelo paradoxo da satisfação que demonstra em ter sido prostituta e, ao mesmo tempo, conceber essa prática como um pecado. Mircea Eliade, no livro, *O Sagrado e o profano* (1991), discute o fato de muitos indivíduos buscarem na religião ou nos símbolos religiosos a resolução para seus problemas interiores, ou até mesmo a tão almejada “salvação” aludida por madama Carlota por intermédio de Jesus Cristo. A esse respeito a autora diz:

Pois a religião é a solução exemplar de toda crise existencial, não apenas porque é indefinidamente repetível, mas também porque é considerada de origem transcendental e, portanto, valorizada como revelação recebida de um outro mundo, trans humano. A solução religiosa não somente resolve a crise, mas, ao mesmo tempo, torna a existência “aberta” a valores que já não são contingentes nem particulares, permitindo assim ao homem ultrapassar as situações pessoais e, no fim das contas, alcançar o mundo do espírito. (ELIADE, 1992, p. 101)

Mas, o fanatismo de madama Carlota à figura de Cristo não estava ligada apenas à salvação espiritual, também dizia respeito, como dito anteriormente, aos bens materiais adquiridos por meio do meretrício. Conforme declarações da madama:

Depois, quando eu já não valia muito no mercado, Jesus sem mais nem menos arranjou um jeito de eu fazer sociedade com uma coleguinha e abrimos uma casa de mulheres. Aí eu ganhei dinheiro e pude comprar este apartamentozinho térreo. [...] Você notou que Ele até me conseguiu dinheiro para ter mobília de grã-fino? (LISPECTOR, 2006, p. 90)

Nesta declaração madama Carlota se posiciona, enquanto prostituta, como uma “mercadoria” e o sucesso de “vendas” foi capaz, por algum tempo, de gerar o próprio sustento. A exposição do corpo seminu funciona como a propaganda. A cartomante revela à Macabéa que para atrair os clientes “[...] ficava em pé encostada na porta vestindo só calcinha e sutiã de renda transparente” (LISPECTOR, 2006, p. 92). Contudo, nesse tipo de comércio há também a desvalorização dos “produtos”, como disse a cartomante ao afirmar que com o tempo “já não valia muito no mercado” (LISPECTOR, 2006, p. 93). Essa perda de valor está diretamente associada às questões ligadas ao corpo e à aparência: “[...] quando eu já estava ficando muito gorda e perdendo os dentes, é que me tornei caftina.” (LISPECTOR, 2006, p. 92 – 93) É o corpo a matéria prima para a produção do capital gerado pela prostituição, devendo estar dentro daquilo que rege os padrões de beleza de cada época. Para madama Carlota, engordar e perder os dentes foram os principais motivos que levaram à sua desvalorização no mercado, fazendo-a a buscar outras formas de adquirir o sustento. Continuou a desenvolver atividades ilícitas como caftina e, posteriormente, cartomante.

A prostituição e a cartomancia, embora ilícitas, são atividades menos agravantes do que a prática da exploração sexual de outras mulheres como caftina. Madama Carlota, ao perder as características físicas exigidas pelo mercado prostitucional, associa-se a um colega e passa a administrar uma casa de prostituição, prática prevista no Código Penal Brasileiro (1940) como crime, sujeito a penas de 2 a 5 anos de reclusão e multa. É redação da lei: “Art. 229 – Manter, por conta própria ou de terceiro, estabelecimento em

que ocorra exploração sexual, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente.” (BRASIL, 1940, s/p). Sendo assim, a caftina cometia crime ao obter lucro com a prostituição de outras mulheres. Ser prostituta não é crime, mas explorar essa prática para obter lucro ou vantagem vai além da venda do próprio corpo, pois é a negociação com o corpo alheio. A caftina atua como uma espécie de corretora, intermediando a relação entre o cliente e a prostituta, tornando a prostituição um negócio em que a mercadoria ou o objeto a ser comercializado é o outro. Vende, desse modo, a “força de trabalho” de outras mulheres aos clientes que compram o direito de usá-las por determinado tempo, num ato de compra e venda do desempenho sexual daquelas que se submetem às caftinas como madama Carlota.

Sua trajetória de vida é marcada, então, pela venda de mercadorias simbólicas: inicialmente vende seus encantos como prostituta, posteriormente vende os encantos de outras mulheres exploradas por ela enquanto caftina e, por último, vende previsões futuras como cartomante. Essa personagem assume três alegorias marginais e tipicamente urbanas, ambas geradas pela ideologia do capitalismo que tem como princípio a obtenção de capital a qualquer custo. Essa exacerbada necessidade de dinheiro tem salientado cada vez mais as diferenças de classes: os que o possuem e os que não o possuem. Segrega pessoas, sobretudo, aquelas que têm suas histórias de vida pautadas pela miséria e pela falta de opções, submetendo-se ao proletariado do sexo.

4.2 A HISTÓRIA DE “AMOR” E VIOLÊNCIA

Amar não é aceitar tudo. Aliás: onde tudo é aceito, desconfio que haja falta de amor.

(Vladimir Maiakóviski)

Madama Carlota, não diferente de Macabéa e Glória, também tinha suas carências afetivas. Na época em que era prostituta se envolvera com um homem a quem dedicava o seu mais íntimo e sincero sentimento: o amor. Em uma declaração que choca pela naturalidade espantosa com a qual revela detalhes de sua relação amorosa, diz que

sustentava financeiramente um homem de quem era, também, vítima de violência física e que todas essas atrocidades eram luxo ou prova de amor. Disse a cartomante:

Eu tinha um homem de quem eu gostava de verdade e que eu sustentava porque ele era fino e não queria se gastar em trabalho nenhum. Ele era o meu luxo e eu até apanhava dele. Quando ele me dava uma surra eu via que ele gostava de mim, eu gostava de apanhar. Com ele era amor, com os outros eu trabalhava. (LISPECTOR, 2006, p. 93 - 94)

O que mais espanta e que não nos parece normal é que tamanha submissão seja encarada, pela mulher submetida, como algo normal e que, de alguma maneira, possa lhe trazer algum prazer, como declara a cartomante; “eu gostava de apanhar”. Tal submissão vai além da violência física e passa a ser uma violência simbólica, pois esse homem fez-se sentir como alguém que ao invés de fazer o mal, fazia o bem à Carlota. Clarice Lispector nos apresenta, então, a figura do gigolô, aquele que vive às custas de uma mulher a quem explora física e financeiramente mas, ironicamente, esse homem é descrito pela vítima da exploração não como algoz, mas como alguém que praticava tais violências por amor.

Era um homem que não gostava de trabalhar, dessa maneira, não exercia nenhuma atividade externa que lhe desse a satisfação de deter o poder de exercer o papel de domínio na esfera pública que sempre foi destinado ao homem, enquanto à mulher cabiam os afazeres da órbita privada. Nesse caso há, de certo modo, uma inversão de papéis, pois cabia a Carlota o exercício das atividades na esfera pública, sustentando-o e mantendo-o na esfera privada. Embora essa fosse uma escolha dele, pois “não queria se gastar em trabalho algum”, pode ser que tal situação o fizesse, de algum modo, se sentir com seu poder de dominação ameaçado, pois nesse caso estava desprovido de autoridade no espaço público – no trabalho e na política – não atendendo àquilo que previa a ideologia dominante acerca do papel masculino e a violência física praticada contra a prostituta que o mantinha seria um substituto compensatório para essa falta de domínio no espaço mais amplo da sociedade, uma maneira de provar seu poder de dominação enquanto homem. No artigo “Mulheres pobres e violência no Brasil

Urbano”, Rachel Soihet diz que o homem que não assumia o papel de dominador típico do padrão patriarcal,

[...] sofria a influência dos referidos padrões culturais e, na medida em que sua prática de vida revelava uma situação bem diversa em termos de resistência de sua companheira aos seus laivos de tirania, era acometido de insegurança. A violência surgia, assim, de sua incapacidade de exercer o poder irrestrito sobre a mulher, sendo antes uma demonstração de fraqueza e impotência do que de força e poder. (SOIHET, 1997, p. 370)

Além de tal fraqueza, some-se a isso o ciúme por saber que o dinheiro adquirido por Carlota sobrevinha da relação com outros homens, embora saibamos que para o gigolô a fidelidade era menos importante que a satisfação financeira. O corpo da mulher, para ele, era um meio de produção de capital. Para Lená Medeiros de Menezes (1992), em estudo intitulado *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930)*, a prostituição sofreu mudanças qualitativas com a expansão do capitalismo, embora fosse tão antiga quanto as sociedades humanas, tal atividade se revestiu de novas configurações, sobretudo mercadológicas, num momento em que o trabalho aparecia glorificado como valor social e a escravidão era combatida em todas as suas dimensões, a exploração da mulher pelos gigolôs surgia como uma nova escravidão. Segundo a autora:

A nova prostituição fez-se acompanhar, assim, por um outro processo: a exploração da mulher para a produção de riqueza. Esta também não foi uma invenção do século XIX, mas foi então que ela se revestiu de uma dinâmica eminentemente capitalista. Inserindo no processo histórico do advento do imperialismo, o comércio de mulheres expandiu-se pelo mundo. Marginal ao mercado formal do trabalho, o novo gigolô tornou-se um desafio para as autoridades policiais de todo o mundo capitalista. (MENEZES, 1992, p. 57)

O companheiro de madama Carlota a colocava numa situação de passividade e domínio subordinando-a através da força física e do sentimento de amor que despertou na meretriz. Sabia que madama Carlota nutria por ele um grande vínculo sentimental e se

valia disso para extorqui-la. A prostituta em questão representa uma imagem paradoxal da condição da mulher, pois ao tempo em que se rebela contra os padrões morais vigentes se colocando como transgressora, põe-se numa posição de total submissão aos desmandos masculinos, dominada por um homem sob a justificativa de que tais sacrifícios eram aceitos em nome do amor que ela sentia. Não se aceitava mais vínculos escravistas ou servis entre os indivíduos e os sexos, dessa maneira, a relação conflituosa entre meretriz e gigolô era mascarada pelo elo do amor. A esse respeito Lená Menezes afirma que:

Tendo o amor como código, o contexto não permitia a configuração da mulher como mercadoria, mas como parceira conveniente de uma determinada forma de sobrevivência. Como tal parceira implicava no desenvolvimento de atividades marginais e criminais, ainda que inerentes ao próprio sistema, necessário se faziam determinadas justificativas encontradas na imagem do sacrifício por amor. (MENEZES, 1992, p. 94)

Sendo assim, a violência e os sacrifícios de madama Carlota para sustentar o homem a quem amava eram justificados pelo sentimento, entretanto, demonstram as desigualdades hierárquicas entre homens e mulheres, tornando o ser feminino como debelado e oprimido pela força da dominação masculina que trata a mulher como objeto a ser explorado, tornando-a dependente e passiva. Mas a relação com o gigolô não durou muito, madama Carlota relata que ao ser abandonada por esse homem passou a se relacionar com mulheres. A cartomante disse à Macabéa:

Depois que ele desapareceu, eu, para não sofrer, me divertia amando mulher. O carinho de mulher é muito bom mesmo, eu até lhe aconselho porque você é delicada demais para suportar a brutalidade dos homens e se você conseguir uma mulher vai ver como é gostoso, entre mulheres o carinho é muito mais fino. (LISPECTOR, 2006, p. 92)

Há uma contradição nas palavras da cartomante ao dizer que “gostava de apanhar” e posteriormente confessar à Macabéa que gostava de se relacionar com mulher porque o carinho de mulher era mais delicado e mais fino, aconselhando, inclusive, a nordestina a se relacionar com outras mulheres. A submissão e o gostar de apanhar de madama

Carlota do gigolô que a explorava, de fato, parece ter explicações simbólicas acerca da dominação histórica do masculino sobre o feminino.

A narrativa de Clarice Lispector mais uma vez rompe com a barreira dos estereótipos e preconceitos e traz à tona um tema que na década de 1970 ainda era um tabu: o homossexualismo. De forma natural, a cartomante afirma que mantinha relações com outras mulheres, colegas de trabalho, e não demonstra nenhum constrangimento ao fazer tal declaração, como se no ambiente da prostituição existisse uma cultura própria que, em sua condição divergente, como um submundo delineado pela segregação social, forma outro sistema de valores coerente com a realidade do grupo que compartilha de outras formas de relacionamento, como é o caso do homossexualismo entre as prostitutas, colegas de madama Carlota. Lispector ousa, então, colocar em seu romance uma temática proibida pela censura ditatorial brasileira da época, que segundo Cláudio Roberto Silva, só começou a ser divulgada pela mídia por volta de 1976, ano em que “[...] o jornalista Celso Curi toma a iniciativa de publicar uma coluna com informações diárias sobre o meio homossexual. Só a partir deste ano se iniciou a abertura pública de uma matéria pré-cultivada e encerrada no ambiente urbano brasileiro” (SILVA, 1998, p. 82). A publicação de tal coluna gerou uma enorme repercussão na época, ano anterior à publicação de *A Hora da estrela*, por Clarice Lispector. O colunista comenta que sofreu grande retaliação por trazer a público tal tema, sendo ameaçado de morte e processado sob a acusação de sua coluna atentar contra a moral e os bons costumes. Celso Curi explana a respeito do ocorrido:

Antes do Samuel sair do *Última Hora*, propus a ele fazer uma coluna, a qual deveria ficar entre duas outras: uma coluna machista do Plínio Marcos e uma coluna feminista... no meio, eu escreveria uma coluna sobre homossexualidade. Foi um escândalo... as pessoas me achavam louco. Elas diziam: "- Imagina, ninguém faz isso! Não existe em nenhum lugar do mundo uma coluna que fale desse assunto!". Assim criamos a *Coluna do Meio*. [...] Nas primeiras semanas recebi ameaças escritas com sangue. Logo em seguida fui processado pela União Federal "por atentado à moral e aos bons costumes pela união de seres anormais". Este é o título do processo. (CURI *apud* SILVA, 1998, p. 82 – 83)

Diante disso, vê-se a tamanha audácia de Clarice Lispector em tratar de relações entre mulheres em um livro publicado na década de 1970, período em que, conforme vimos, havia uma forte repressão àqueles que atentassem contra a moral e os bons costumes, estando a autora sujeita a sanções em nome da manutenção desses preceitos. Mais uma vez Lispector põe à mostra em *A Hora da estrela* a história das minorias, não bastando revelar a saga de nordestinos na grande cidade, trata, desta vez, embora sem dar muita ênfase, de outra classe também marginalizada, a dos homossexuais.

4.3 O JOGO DE CARTAS, O JOGO DA VIDA

*O destino embaralha as cartas, mas
somos nós os que jogamos.*
(William Shakespeare)

A figura da cartomante em *A Hora da estrela* tem papel decisivo nas ações das demais personagens, suas previsões direcionam os fatos da narrativa e condicionam as mulheres que a procuraram – Glória e Macabéa – a agirem conforme suas adivinhações. Madama Carlota intervém, como a maioria das cartomantes, diretamente na vida amorosa das personagens: Glória, ao se envolver com o namorado da colega, justifica que tal atitude teve como base as previsões de sua cartomante. Macabéa, por sua vez, instigada pela euforia e pela ânsia de se encontrar com seu “príncipe encantado”, o estrangeiro profetizado pela cartomante como o grande amor de sua vida, sai radiante da casa da vidente e, envolta por esse êxtase, ao atravessar a rua sofre um acidente fatal.

Madama Carlota tem o poder de, por meio de suas previsões, influenciar nas ações das mulheres que a procuram. Suas cartas atraem aquelas que se veem mergulhadas nas incertezas e inseguranças “quanto ao futuro⁵”. Há no ser humano a natural curiosidade acerca do “amanhã” e as cartomantes se aproveitam dessa curiosidade para ganharem

⁵ Um dos treze possíveis títulos do romance pensados por Clarice Lispector, todos constam no início do romance. São eles: *A Hora da Estrela*, *A culpa é minha*, *Ela que se arranje*, *O direito ao grito*, *Quanto ao futuro*, *Lamento de um blue*, *Ele não sabe gritar*, *Uma sensação de perda*, *Assovio no vento escuro*, *Não posso fazer nada*, *Registro dos fatos antecedentes*, *História lacrimogênica de cordel* e *Saída discreta pela porta dos fundos*.

dinheiro vendendo o futuro às pessoas. Mas as cartomantes não só desempenham o papel de advinhas e prevêem o futuro, elas também assumem o papel de conselheiras, daquelas que certamente terão uma palavra de conforto ou de esperança para as pessoas que, ao procurarem esse tipo de “serviço”, comumente estão enfrentando algum problema, geralmente conflitos interiores, e buscam a resolução dos mesmos através das palavras daquelas que assumem o papel de “terapeutas”, ou como popularmente se diz: “psicólogas dos pobres”. Sentar-se à mesa de uma cartomante é como se estivessem no divã, contando seus problemas a um desconhecido e esperando dele um conselho que consiga amenizar ou apaziguar os problemas que afligem os clientes/pacientes.

O narrador coloca madama Carlota como a principal responsável pelo ponto alto da existência de Macabéa, já que a vidente ganha a responsabilidade de fazê-la perceber-se enquanto ser oprimido e inconsciente da miséria e da opressão à qual sempre esteve submetida. A presença da cartomante ganha o espaço do elemento mágico, responsável por trazer consciência e esperança à Macabéa. Para João Ribeiro Júnior (1985, p. 24), “[...] a cartomancia é uma, entre tantas práticas mágicas de adivinhação, que tem no jogo das cartas a sua procura por revelação. Pode ser entendida como uma prática de adivinhação externa, artificial ou indutiva pela observação e interpretação de sinais exteriores, enviados pelos deuses.” Essa interpretação de fatos enviados por divindades é assumida pela cartomante criada por Clarice Lispector. Madama Carlota recepciona Macabéa avisando que já tinha conhecimento de sua vinda, pois já havia sido avisada pela entidade sobrenatural que rege suas previsões: o guia. Disse ela à nordestina: “[...] o meu guia já tinha me avisado que você vinha me ver” (LISPECTOR, 2006, p. 89). Foi a primeira vez que Macabéa encorajou-se para ter esperança, vaidade, consciência da vida sofrida e todos os outros sentimentos e aspirações que nunca teve antes. Nascera ali, naquele instante, pela primeira vez refletiria sobre o passado e teria expectativas de futuro:

Macabéa separou um monte [de cartas] com a mão trêmula: pela primeira vez ia ter um destino. Madama Carlota (explosão) era um ponto alto na sua existência. Era o vórtice de sua vida e esta se afunilara toda para desembocar na grande dama cujo ruge brilhante dava-lhe à pele uma lisura de matéria plástica. (LISPECTOR, 2006, p. 94)

A “grande dama”, por meio de suas palavras, faz com que a nordestina enxergue a vida sofrida que levava. No momento que servirá como uma espécie de “divisor de águas” na vida de Macabéa, a cartomante perplexa gritou: “- Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!” (LISPECTOR, 2006, p. 94). Essas palavras são mais significativas e têm mais poder de revelação para uma autoconsciência de Macabéa do que todo o sofrimento enfrentado ao longo de seus dezenove anos. A alagoana ao ouvir essa afirmação com tamanha veemência se autoanalisa e, atônita, percebe o quanto foi apenas uma vítima dos outros e do acaso. “Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim” (LISPECTOR, 2006, p. 94). Essa consciência existencial da moça somente se deu através das revelações de madama Carlota, a responsável por desvelar a vida da nordestina, assim, a palavra aparece como uma poderosa manifestação elucidativa acerca das vivências e das implicações delas para delinear a passividade na qual a alagoana sempre se inscreveu, sem se dar conta, desde a infância.

Madama acertou tudo sobre o seu passado, até lhe disse que ela mal conhecera pai e mãe e que fora criada por uma parente muito madrasta má. Macabéa espantou-se com a revelação: até agora sempre julgara que o que a tia lhe fizera era educá-la para que ela se tornasse uma moça mais fina. (LISPECTOR, 2006, p. 94)

Mas, a responsabilidade e relevância da cartomante para a vida de Macabéa não está associada apenas à revelação de seus sofrimentos passados: a orfandade, a falta de carinho, os castigos físicos e morais forçados pela tia. As palavras da Madama também lhe trouxeram grandes e boas notícias sobre o futuro: “- Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é de maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente!” (LISPECTOR, 2006, p. 95). A cada palavra, a jovem é estimulada a se lançar num universo do qual jamais fez parte: o da esperança de um futuro glorioso e a redenção de sua existência que seria intermediada por um estrangeiro rico que lhe proporcionaria a “excessiva felicidade”. Até aquele momento a alagoana não tinha noção da vida que levava, por conseguinte, não havia como fazer alguma coisa para mudar tal situação. “Pois que vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era

o botão de acender” (LISPECTOR, 2006, p. 33). A cartomante ensinou-lhe, então, qual era “o botão de acender” e a existência da moça passa a ser outra. Era como se lhe ocorresse algo sobrenatural, algo divino, ela estava maravilhada e Rodrigo S.M. tenta descrever as reações de Macabéa às palavras da vidente:

Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança. Mas agora ouvia a madama como se ouvisse uma trombeta vinda dos céus - enquanto suportava uma forte taquicardia. Madama tinha razão: Jesus enfim prestava atenção nela. Seus olhos estavam arregalados por uma súbita voracidade pelo futuro (explosão). (LISPECTOR, 2006, p. 95)

Macabéa encontra nas palavras de madama Carlota a coragem para ser o que nunca foi. Ela, que nunca soube ao certo quem era Deus, agora estava muito próxima do filho do divino, pois “Jesus enfim prestava atenção nela”. Essa atenção de Jesus à alagoana diz respeito ao prognóstico das cartas de que ela conheceria um estrangeiro rico e ele seria o responsável pela libertação da nordestina do estado de pobreza:

Agora estou vendo outra coisa (explosão) e apesar de não ver muito claro estou também ouvindo a voz de meu guia: esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha enjeitadinha, vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar! (LISPECTOR, 2006, p. 95-96)

O “gringo” seria o redentor de todos os problemas de Macabéa, da pobreza na “infância sem bola e sem boneca” (LISPECTOR, 2006, p.37) ao quarto compartilhado na suja Rua do Acre, passando pelas humilhações no trabalho vindas do patrão e da colega de trabalho, sem esquecer o estranho namoro com Olímpico que a trocou por Glória. Então, todo esse passado de desventura ficaria para trás e ela se tornaria alguém. Se Glória era um bom partido para Olímpico por ser carioca e a família possuir um açougue, o estrangeiro rico lhe parecia exceder-se em perfeição. “Esquecera Olímpico e só pensava no gringo: era sorte demais pegar um homem de olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos, era vasto o campo das possibilidades” (LISPECTOR, 2006, p. 97).

Não importava se o fato de madama Carlota não definir a cor dos olhos do estrangeiro fosse um indício de que a previsão fosse falsa, para Macabéa a alegria de ter um futuro esplendoroso era, sem dúvida, maior do que qualquer vestígio de engano por parte da cartomante.

Macabéa que até então “[...] não se preocupava com o próprio futuro [pois para ela] ter futuro era luxo” (LISPECTOR, 2006 p. 71), saiu da casa da cartomante extasiada pelo porvir. A nordestina já era outra pessoa, redimida de todo o sofrimento ao qual sempre esteve submetida, finalmente teria tudo aquilo que sempre necessitou e foi privada de ter. “É que a vida lhe era tão insossa que nem pão velho sem manteiga” (LISPECTOR, 2006, p. 71), mas agora as cartas haviam lhe revelado um novo mundo:

Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras – desde Moisés se sabe que a palavra é divina. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. (LISPECTOR, 2006, p. 98)

Tudo que antes lhe parecia tão pouco se apresentava como algo grandioso. As predições da cartomante lhe decretaram a sentença de vida, como uma espécie de redentora, a ex-prostituta agora se reveste do poder de prenunciar o futuro e de mudar a existência de Macabéa. Suas palavras interferiram de tal modo na essência de Macabéa que ela jamais seria a mesma depois de ouvir tais promessas. Perplexa, a nordestina atravessa a rua e morre atropelada. “Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo” (LISPECTOR, 2006, p. 99).

Será que a madama Carlota viu nas cartas o destino fatal de Macabéa e, ciente de todo o seu passado sofrido, quis lhe dar esperança ou lhe proporcionar alguma alegria nos seus últimos momentos de vida? Que cartas a nordestina teria tirado? Sabemos apenas que a

vida de Macabéa realmente mudou, primeiro pela consciência de si mesma e pela esperança de futuro, posteriormente pela morte prenunciada nas cartas tiradas pela cliente que lhe antecederam na consulta à cartomante. Se o destino certo de Macabéa – a morte em consequência de um atropelamento – foi previsto nas cartas anteriores às que ela tirou, pode ser que a bonança presumidas nas cartas retiradas pela alagoana sejam justamente a fortuna da moça que aguardava na sala para consultar-se com a cartomante logo após a saída de Macabéa, pois se a nordestina protagonizou a previsão feita para a moça que lhe antecederam, sua sucessora poderia, também, assumir o destino daquela que lhe antecedeu na consulta. Clarice Lispector aguça a curiosidade do leitor, deixando inúmeras possibilidades que jamais poderão se esgotar já que a obra ficcional se compõe de muitas entrelinhas e implícitos que dão margem a infindas maneiras de olhar e interpretar.

Diante dessas infinitas possibilidades de interpretação e análise, deduzimos que o título do romance pode estar associado a uma das cartas que, supostamente, pode ter sido tirada por Macabéa no tarot da cartomante: a estrela. A protagonista desta carta é uma donzela totalmente desnuda, símbolo da revelação da essência fundamental do ser. Possui em suas mãos dois jarros e está ajoelhada às margens de um rio, símbolo do movimento. Enquanto joga o conteúdo de uma das jarras na correnteza, joga o conteúdo da outra na terra infértil. A estrela significa esperança, ajuda inesperada, perspicácia e claridade de visão, inspiração, flexibilidade. Um grande amor será dado e recebido. Boa saúde. Sob o aspecto negativo representa erros de julgamento, impotência psíquica, privação e abandono. Além do título do romance, não há como não associar tais simbologias à vida de Macabéa, também donzela como a figura da carta. Por meio dessa consulta, houve a revelação da essência fundamental da nordestina, que pela primeira vez teve consciência de si mesma, clarificando a visão conforme representa simbolicamente tal carta. Além de ter obtido a ajuda inesperada da cartomante que lhe tratara com carinho, delicadeza e agrado, tratamento jamais experimentado por Macabéa, conforme observa o narrador ao descrever a reação da moça ao ser recebida pela vidente: “Macabéa sentou-se um pouco assustada porque faltavam-lhe antecedentes de tanto carinho” (LISPECTOR, 2006, p. 89). Ela que sempre fora humilhada e desprezada pelas poucas pessoas que passaram por sua vida: a tia, o patrão, Glória e Olímpico.

A carta também representa boa saúde, e a moça também precisava de cuidados, já que o médico havia diagnosticado nela uma tuberculose, causa de sua incessante tosse nas noites frias do quarto que dividia com as quatro Marias. A carta representa, também, um grande amor que pode ser associado à figura do estrangeiro a quem Macabéa tanto amou sem sequer tê-lo conhecido. Somado a isso, tem-se como significado o erro de interpretação, que pode estar ligado ao suposto erro da cartomante em interpretar as cartas, direcionando as previsões da cliente anterior para a posterior, já que previu que a moça que antecedeu a consulta de Macabéa morreria atropelada. Impotência psíquica, privação e abandono também podem ser ligados à vida da moça nordestina que, além de ter sido privada da dignidade humana em toda a sua existência, foi privada também do futuro que tanto a esperançou após ouvir as palavras da cartomante, morrendo em total estado de abandono.

Mas, as previsões de madama Carlota não interferiram apenas na vida de Macabéa. Glória, que indicou a cartomante à colega e emprestou-lhe o dinheiro para pagar a consulta, também teve suas atitudes direcionadas na narrativa pelas predições da cartomante, roubando o namorado de Macabéa, sob a justificativa de que tal acontecimento havia sido previsto pela cartomante que “nunca erra”. Neste sentido, podemos dizer que madama Carlota vendia o futuro às clientes. A ex-prostituta e ex-caftina tenta revestir sua nova ocupação de um caráter divino, declarando-se amiga de Jesus Cristo e dizendo que o dinheiro que ganha através de suas adivinhações são destinados à caridade, numa tentativa de mascarar seu novo método de ganhar dinheiro, contudo, durante a consulta a cartomante sempre faz referências ao pagamento que deveria ser feito por Macabéa, ao revelar a vida miserável que a nordestina levava, lembrou-se, de imediato, do pagamento pela consulta, talvez por receio de que a alagoana não tivesse como lhe pagar. E não teria se não tivesse pegado o dinheiro emprestado com Glória que, certamente, por já ter visitado a cartomante, sabia que ela não faria a “caridade” de atender Macabéa sem lhe cobrar, por isso emprestou-lhe o dinheiro para que a consulta pudesse ser realizada. Além da consulta, madama Carlota entrega à Macabéa um feitiço para que ela carregue consigo dentro do sutiã, mas alerta: “Olha, minha queridinha, esse feitiço também sou obrigada por Jesus a lhe cobrar

porque todo o dinheiro que eu recebo das cartas eu dou para um asilo de crianças” (LISPECTOR, 2006, p. 96).

Nota-se, pela análise das próprias palavras, que a madama Carlota não diz a verdade quando afirma que tudo que recebe destina a obras de caridade, pois, ironicamente, Clarice Lispector, ao criar tal justificativa para o destino do dinheiro nos dá uma importante pista para a inexatidão da afirmação de madama Carlota: quem se abriga em asilos são os idosos, a entidade que cuida de crianças é orfanato e não asilo. Para Haakon Chevalier (*apud* MUECKE, 1995, p. 52) “[...] o traço básico de toda ironia é um contraste entre uma realidade e uma aparência.” Neste sentido, a cartomante diz estar fazendo uma coisa com o dinheiro adquirido, aparentando ser uma criatura caridosa, quando, na realidade, faz outra coisa totalmente diferente, usando o dinheiro para o próprio sustento. Além disso, se o dinheiro adquirido com seu vaticínio fosse realmente destinado à caridade, a polícia não a perseguiria sob a acusação de exploração, conforme palavras da cartomante: “Olhe, a polícia não deixa pôr cartas, acha que estou explorando os outros, mas, como eu lhe disse, nem a polícia consegue desbancar Jesus” (LISPECTOR, 2006, p. 90).

Vê-se que a atividade da cartomancia também se apresenta sob o regime de trocas financeiras. Deixando de ser prostituta e caftina, madama Carlota vai exercer outra atividade também marginal, porém menos subjugada pelos valores morais. Ao contrário, a nova atividade assume o caráter divino e redentor, capaz de modificar ou delinear o destino das pessoas que a procuram apenas com as “revelações” proferidas pela cartomante. Sua palavra ganha poder, o poder de influenciar as atitudes das pessoas que a procuram. Como no caso de Glória, e com maior potencial tem o poder de modificar a vida de Macabéa, trazendo-lhe a consciência de “ser”, fato que, durante a narrativa, nenhum acontecimento ou palavra foi capaz de fazer. Madama Carlota, então, transita entre o profano e o sagrado, deixando a profanação – a prostituição – passando a representar o sagrado, aquela que, através da palavra e em nome de Jesus, ganha o poder de prever o futuro e oferecer a salvação a Macabéa de todos os infortúnios que esteve submetida em toda a sua vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A solidão e deslocamento vividos pela personagem migrante nordestina, Macabéa, seu tamanho descompasso por viver em uma grande cidade e sua trágica morte em consequência de um atropelamento trazem à tona, em *A Hora da estrela*, a polifonia das vozes que a cidade suscita através das múltiplas leituras da metrópole que ora aparece como espaço do deslumbre, lugar por excelência da produção e da grandiosidade, ora aparece como palco das desgraças e da miséria que assolam as populações, principalmente as do subúrbio.

Essa relação ambígua de atração pelo progresso e repúdio ao descaso da vida nas periferias tem aparecido nas narrativas literárias, corroborando o que diz Malcolm Bradbury (1989, p. 77) ao afirmar que “[...] o poder de atração e repulsão da cidade tem fornecido temas e posturas que atravessam profundamente a literatura, na qual a cidade aparece mais como metáfora do que como lugar físico.” Temos nos deparado com a cidade das multidões, que têm a rua como lugar comum para a manifestação da cultura do isolamento humano, cenário de permanente mutação. Tal transitoriedade também se reflete na desestabilização dos valores sociais que tem contribuído significativamente para o desaparecimento dos laços comunitários, levando os indivíduos cada vez mais a potencializarem a segregação daqueles que, tal qual Macabéa, vivem à margem dos códigos instituídos pelo sistema dominante.

Sofrendo os efeitos de uma ordem social injusta e discriminatória, e tendo seu cotidiano marcado pelas dificuldades de sobrevivência, a frágil personagem alagoana foi submetida a uma violência simbólica. Todos os dias sujeitava-se à tortura silenciosa do desamparo e da rejeição, era como uma erva daninha invadindo a concretagem da *urbe*, precisava ser extirpada, pois não estava em conformidade com o modelo de habitante reclamado pelas exigências do grande eldorado. Jamais teve o direito de inserção no novo universo ao qual depositara a esperança da realização de seu único sonho: ser estrela de cinema. Representou apenas o papel de si mesma, assumindo uma encenação da própria vida, como se vivesse aquilo que lhe incutiam a viver. Apropriava-se de

estereótipos que eram absorvidos como verdades absolutas a partir de conceitos extrínsecos que constituíam o pouco do que ela conseguia ser:

Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser. [...] A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em "eu sou eu". Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. (LISPECTOR, 2006, p. 53)

Na grande *urbe* coisifica-se o homem e suas relações, a identidade da moça estava vinculada à função que desempenhava, datilógrafa, e, como assevera o narrador, “ao refrigerante mais popular do mundo”, a coca-cola. A relação consigo mesma era mediada pelo trabalho e por um produto de grande popularidade entre os de origem estrangeira comercializados no mercado nacional, reduzindo a si mesma, portanto, como um produto do capital, numa mediação entre trabalho e consumo, símbolos da cidade que é produzida e se produz mediatizada pela produção, onde se troca a mão-de-obra por dinheiro que será trocado por produtos, numa cadeia infinita de troca. Nessa cadeia, a vida das pessoas é regulada pelo tempo e pela necessidade constante de ganhar dinheiro. Nesse universo a situação de Macabéa é, portanto, irreversível: ela é mulher, pobre, feia e retirante numa cidade da qual não consegue fazer parte.

E não apenas Macabéa está submetida a essa coisificação do ser humano em detrimento da aquisição do dinheiro numa dinâmica eminentemente capitalista. Olímpico aproxima-se de Glória por interesses financeiros, vendo nessa união uma maneira de ascender socialmente, como se a moça fosse apenas uma espécie de facilitadora de seus objetivos, sem levar em conta aquilo que é visto como mediador das relações entre os casais: o amor.

Já madama Carlota vende o corpo, explora outras mulheres como caftina e, posteriormente, “vende” o futuro para as pessoas através do jogo de cartas,

demonstrando que as relações das personagens são mediadas pelas trocas comerciais, nesse sentido, o mundo desses indivíduos é o mundo das coisas. Assim, os labirintos da cidade em *A Hora da estrela* não aparecem apenas numa forma específica de organização do território, mas também como um conjunto de símbolos que se organizam e se relacionam com a história de suas personagens. Símbolos que dizem da cidade e dos modos de vida das mulheres que têm seus cotidianos e suas identidades delineadas através da interação com os elementos urbanos.

Nessa interação homem-cidade, a relação amorosa também tem grande importância nas vidas das personagens femininas. Realizar-se plenamente, para estas mulheres, significa encontrar a felicidade ao lado de um amor. Para elas, encontrar “a outra metade” é o único meio pelo qual poderão encontrar a tão sonhada felicidade. Idealizam o par amoroso e, para conquistar esse homem idealizado, não medem esforços. Imaginam que, através dessa união, alcançarão a completude total, que nada mais irá lhes faltar e, para isso, fica implícito que essas mulheres esperam ter todas as suas necessidades satisfeitas pelo outro.

Desse modo, as figuras femininas de *A Hora da estrela* transitam pelos labirintos da cidade e nesses labirintos se deparam com as mais variadas situações que as direcionam cada vez mais para o centro do enigma. O grande eldorado construído pelo homem que, muitas vezes, se vê minúsculo diante de sua criação. No fazer-se ininterrupto, a cidade parece estar eternamente inacabada, refletindo-se no humano que a reconstrói e, ao mesmo tempo, se reconstrói no incessante movimento da vida que torna o homem também um ser inacabado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2009.

ANTON, Iara L. Camaratta. *A Escolha do cônjuge*. Porto Alegre: Artemed, 1998.

BASTIDE, Roger. Manifestações do preconceito de cor. In: FERNANDES, Florestan; BASTIDE, Roger (Org.). *Relações raciais entre brancos e negros em São Paulo*. São Paulo, Unesco-Anhembi, 1955. p. 159-192.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BENEDETTI, Mario. *El desexilio y otras conjeturas*. Buenos Aires: Nueva Imagen, 1986.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BÍBLIA SAGRADA: novo testamento e salmos. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

BOSI, Alfredo. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1992. p. 170-189.

BOSI, Ecléa. *O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRADBURY, Malcolm. As cidades do modernismo In: BRADBURY, Malcolm; McFARLANE, James. (Org.). *Modernismo: guia geral (1890-1930)*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 72 -94 .

BRASIL. Código penal. Decreto Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Disponível em <http://www.dji.com.br/1940_dl_002848_cp/cp.html> Acesso em: maio/2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A Cidade*. São Paulo: Contexto, 2008.

CAROTENUTO, Aldo. *Amar, trair: quase uma apologia da traição*. São Paulo: Paulus, 1997.

CAVALCANTI, Helenilda. O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo. In: BURITY, Joanildo A. (Org.). *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. p. 143-159.

DA MATTA, Roberto. *O Que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEL PRIORE, Mary. Corpo a corpo com as mulheres: as transformações do corpo feminino no Brasil. In: STREY, I. N.; CABEDA, S. T. L. (Orgs.). *Corpos e subjetividade em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 255-266.

DENATRAN. Disponível em: < <http://www.denatran.gov.br> > acesso em 06 de maio de 2010, às 17:40h

DIAS, Márcio Roberto Soares. *Da Cidade ao mundo: notas sobre o lirismo urbano de Carlos Drummond de Andrade*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2006.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESPINHEIRA, Gey. *Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

FUKELMAN, Clarisse. Escrever estrelas (ora, direis) In: LISPECTOR, Clarice. *A Hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 05-20.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GUIDIN, Márcia Lígia. *A Hora da estrela – roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1994.

HYDE, G. M. A poesia da cidade. In: BRADBURY, Malcolm; McFARLANE, James. (Org.). *Modernismo: guia geral (1890-1930)*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 274 - 293.

LIMA, Luciano Rodrigues. *Clarice Lispector comparada: narrativas de conscientização em Clarice Lispector, Virgínia Woolf, Susan Glaspell, Katherine Mansfield e A. S. Byatt*. Salvador: EDUFBA, 2007.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

- LISPECTOR, Clarice. *Só para mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A Terceira mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MENEZES, Lená Medeiros de. *Os Estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio* (1890 – 1930). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- MORIN, Edgar. *O Homem e a morte*. Tradução de João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- MUECKE, D.C. *Ironia e irônico*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- PAIVA, Vera. *Evas, Marias, Liliths... as voltas do feminino*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- PEREIRA, Armando. *Prostituição: uma visão global*. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- PLATÃO. *O Banquete*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1982.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RIBEIRO JÚNIOR, João. *O Que é magia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ROCHA, Zeferino. Desamparo e Metapsicologia. In: *Síntese – Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, v.26 n. 86, 1999. p. 331-346.
- ROLNIK, Raquel. *O Que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ROUGEMONT, Denis de. *O Amor e o ocidente*. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- SANTOS, Boaventura. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1999.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor, metafísica da morte*. Tradução de Jair Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.20 n. 2, 1995.

SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em História Social) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. Tradução Luis Eduardo de Lima Brandão. São Paulo, SP : Martins Fontes, 2006.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 363 – 399.

SOUZA, Itamar. *Migrações internas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

SPERBER, Suzi Frankl. Jovem com ferrugem. In: SCHWARZ, Roberto (Org). *Pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 152 - 178.

SPONVILLE, Andre Comte. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TORRES, Antonio. *Essa terra*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

VILLAÇA, Nizia. *Paradoxos do pós-moderno: sujeito e ficção*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.